

Expressão

E
CURRÍCULO
CULTURA
CRISTÃ

Revista do Aluno

Nº 58 / 2º trimestre-2015

ISSN 977 2317-4463-1



9 772317 446314 4 0058

O Evangelho de João

Jesus, a verdade que liberta

1

João 1.1-18

A ENCARNAÇÃO DO FILHO DE DEUS

Para ler e meditar durante a semana

- D** – Cl 1.15-20 – Jesus é a imagem do Deus invisível; **S** – Hb 1 – Jesus é superior aos anjos;
T – Hb 3 – Jesus é superior a Moisés; **Q** – Mt 1 – Jesus é o Deus conosco;
Q – Hb 10.1-23 – Jesus é o grande sumo sacerdote; **S** – Fp 2.5-11 – Jesus e sua humildade;
S – Hb 2 – Jesus e sua humanidade

INTRODUÇÃO

João escreveu o quarto Evangelho para que leitores de todas as épocas creiam em Jesus Cristo para a salvação (Jo 20.30-31). O evangelista inicia seus relatos com uma das declarações mais detalhadas, entre todas encontradas no Novo Testamento, sobre a encarnação de Jesus. A convicção de que Deus assumiu uma natureza humana é vital para o cristianismo (Jo 1.12; 1Jo 4.2; 2Jo 1.7).

A singularidade da fé cristã está diretamente relacionada com o ensino bíblico das duas naturezas de Cristo. Há religiões que acreditam em um Deus infinito e transcendente. Mas a doutrina da encarnação ensina que Deus se fez conhecer plena e pessoalmente ao tomar a nossa natureza humana em si mesmo, vindo entre nós como homem sem, de modo algum, deixar de ser o Deus eterno.

Na História, houve aqueles que procuraram lidar com as dificuldades da encarnação, ora sacrificando a divindade de Cristo, ora a sua humanidade. Um estudo da encarnação do Deus Filho é necessário para preservar a pureza dessa doutrina basilar da nossa fé, bem como trazer lições práticas para a vida cristã. Diante disso, vamos começar a tratar da encarnação de Cristo pela ótica de sua

natureza humana, muito embora não seja nossa ênfase neste estudo.

I. A HUMANIDADE DE JESUS (v. 14)

O vocábulo grego *logos* tem uma lista grande de significados, com o sentido primário de razão, palavra, fala ou princípio. Gregos e hebreus já estavam familiarizados com esse termo antes de João utilizá-lo. Porém, para o propósito de nosso estudo, mais importante do que descrever quais significados o termo *logos* assumiu na História, é entender que sentido o evangelista atribuiu ao Logos, à Palavra, ao Verbo.

João deixa claro que o Verbo eterno tornou-se homem de verdade; ou seja, assumiu verdadeira humanidade. Porém, na encarnação, o eterno entrou no tempo. O rei da glória tornou-se um indefeso bebê. Jesus se cansou fisicamente em viagens (Jo 4.6), teve sede (Jo 4.7; 19.28), abertamente chorou (Jo 11.33-35), sentiu-se incomodado e compadeceu-se (Jo 11.33,38), sangrou (Jo 19.34) e morreu (Jo 19.30). Depois de sua ressurreição, Jesus provou aos discípulos que ele ainda tinha um corpo real (Jo 20.24-29). João não quer dizer que ao se fazer carne o Verbo deixou de ser o que era antes. A expressão “o Verbo se fez”, em João 1.14, não significa que o Verbo se transformou

em carne, alterando assim a sua natureza divina. Ele adquiriu uma natureza humana sem, de modo algum, mudar a sua natureza original. Ele continuou sendo o infinito e imutável Filho de Deus. A palavra “carne” denota a natureza humana (Rm 8.3; 1Tm 3.16; 1Jo 4.2; 2Jo 7).

Em sua encarnação, o Deus Filho submeteu-se a diversas mazelas comuns à natureza do homem, enfraquecida e sujeita ao sofrimento e à morte, embora, no caso do Salvador, isenta da mancha do pecado. Desde seu nascimento, Jesus pagou um alto preço para nos salvar. O Verbo precisou se humilhar para nos garantir salvação (Fp 2.5-8; Ef 4.9-10). Entretanto, mesmo em seu estado de humilhação, ele jamais se despojou de sua divindade. Ele suportou todas as consequências do pecado sem pecado ou culpa (Hb 4.15).

II. A DIVINDADE DE JESUS

A. *Jesus é o Deus eterno (v. 1-2,15)*

O Verbo que se fez carne estava com Deus na obra da Criação. Ele já existia antes mesmo que houvesse mundo. Não houve tempo em que ele não existisse. Jesus é o Pai da eternidade (Is 9.6). Ele é o Senhor da glória (1Co 2.8).

A eternidade é um atributo exclusivo de Deus. No princípio (Gn 1.1), quando Deus sequer havia lançado os fundamentos da terra, o Deus Filho já se encontrava face a face com o Deus Pai (Jo 1.1; 17.20-24). Algumas declarações do próprio Senhor Jesus, no Evangelho de João, reforçam o entendimento de sua existência pré-encarnada (Jo 6.38; 8.58). Apesar de revelar sua glória em seu ministério terreno, por meio de suas obras (Jo 2.11), Jesus sempre foi revestido de majestade (Jo 17.5; 2Co 8.9).

B. *Jesus é o Deus criador (v. 3,10)*

Jesus é o Criador de tudo, do que é visível e do que é invisível (Cl 1.16). A expressão “todas as coisas”, em Colossenses 1.16, torna evidente que Jesus Cristo possui com a Criação o mesmo relacionamento que Deus Pai possui. Jesus é o agente do universo criado. Isso significa que Jesus não foi um ser criado na sua encarnação. Ele é distinto da Criação. Jesus, na verdade, é a causa do que existe (Rm 11.36; Hb 2.10). Ele é antes e depois de tudo. Jesus Cristo é “o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim” (Ap 1.8; 21.6; 22.13). Ele é o Deus eterno que criou o mundo (Jo 1.1-3,10) e o sustém (Cl 1.17).

C. *É um deus ou é Deus? (v. 1b)*

Alguns erroneamente concluíram que a ausência de um artigo definido antes do substantivo “Deus”, no texto grego (Jo 1.1b) significa que “Verbo era um deus”, o que faria de Jesus Cristo um deus de qualidade inferior ao Deus Pai. Porém, estudiosos do grego bíblico concordam que essa não é uma regra. Um bom exemplo aparece no final do mesmo capítulo, quando Natanael confessa que Jesus é rei (Jo 1.49). No texto grego, o substantivo “Rei” também está sem artigo definido, mas é traduzido com o artigo definido: “...tu és o Rei de Israel!”. Não faria o menor sentido Natanael declarar que Jesus era *um* rei.

O significado de João 1.1, portanto, não é simplesmente que o Verbo tem características divinas, mas que o Verbo é essencialmente Deus. Desde o início de sua vida, Jesus é o Deus Filho encarnado. Jesus não é e nunca foi um ser inferior a Deus. Ele é o próprio Deus que assumiu a carne e tornou-se plena e verdadeiramente

humano, sem deixar de ser verdadeira e plenamente divino. Divindade também não é algo que Jesus adquiriu mais tarde na vida, ou mesmo após a sua morte e ressurreição.

D. Jesus é o Deus salvador (v. 4-5)

Está claro nas Escrituras o fato de que a finalidade da encarnação foi para salvar os homens de seus pecados (Lc 19.10; Mt 9.13; Mc 10.45; Gl 4.4-5).

1. *Jesus é a fonte de vida (v. 4)*. Isto implica um contraste com todos os seres vivos que vieram à existência pelo ato criativo do Verbo. Todos receberam vida por ele. Cristo, em contraste, não apenas tem vida, mas ele é a própria vida (Jo 5.26; 14.6). Jesus é o pão e a água da vida (Jo 4.14; 6.33,48). A vida que Jesus Cristo promete é plena, abundante e eterna (Jo 10.10). Sem a vida que ele oferece, nós estamos mortos em pecados e delitos (Ef 2.1,3,5). Espiritualmente, o ser humano está morto, separado de Deus (Rm 3.10,23). Precisamos de uma nova vida, um novo nascimento, para termos comunhão com Deus (Jo 3.3,7), e o novo nascimento para a vida eterna só é possível pela fé em Cristo (Jo 3.16).

2. *Jesus é a luz do mundo (v. 4-9)*. João escreve que a vida era a luz (Jo 8.12; 9.5; 12.46). Mais uma metáfora atribuída a Jesus Cristo, que faz menção à sua obra de salvação (Lc 2.29-32). O ser humano luta contra essa luz (Rm 1.18-32; 3.10-18; Ef 5.8). O apóstolo Paulo explica que além da dureza do coração do homem, essa completa cegueira espiritual é causada pelo diabo, o qual cega as pessoas para que não lhes resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo (2Co 4.3-6). Vivemos em completa escuridão e cativo espiritual até que Deus desvende nossos olhos e nos liberte do domí-

nio das trevas (Cl 1.13). Jesus é a luz que vence as trevas e possibilita a humanidade ver a beleza da graça de Deus (Ef 1.18). Ele é a luz por intermédio da qual passamos a ver o caminho de salvação. Assim como a luz solar é imprescindível para os seres vivos, Jesus é a única luz capaz de dar vistas ao homem, espiritualmente cego, e nova vida ao pecador. Voltaremos a tratar desse tema na lição 5.

3. *Jesus é a plenitude da graça e da verdade (v. 14,17-18)*. Graça é favor de Deus concedido a quem não merece. A graça tem o poder de transformar inimigos em filhos de Deus (Jo 1.12). João não sugeriu que não havia graça sob a Lei de Moisés (Êx 34.6), mas afirmou que em Jesus Cristo graça e verdade alcançam a sua plenitude, a qual está disponível para nós (2Co 8.9). Cristo, nosso Senhor, é a fonte infinita de toda a graça. Somos salvos pela graça (Ef 2.8-9), vivemos pela graça (1Co 15.10). Por meio da lei não se poderia receber “graça sobre graça”. A lei era apenas preparatória. Ela serviu de guia para nos conduzir a Cristo (Gl 3.24-25). As leis dadas a Moisés eram sombras de verdades mais excelentes, desvendadas em Jesus (Hb 10.1). Paulo diz que o fim da lei é Cristo (Rm 10.4). Não obstante, a lei tenha sido dada ao povo de Israel como uma dádiva da revelação de Deus, Jesus Cristo é a verdade final para a qual a lei apontava.

E. Jesus é o tabernáculo de Deus (v. 14)

A encarnação significou a vinda do Deus Filho para habitar entre nós. A palavra “habitar”, em sua forma substantiva, também é traduzida como tabernáculo: “... Eis o tabernáculo de Deus com os homens...” (Ap 21.3a). O tabernáculo era o lugar da habitação de Deus no meio do

povo de Israel (Êx 25.8; 29.45; Lv 26.11; Sl 68.18; Ez 37.27). Na encarnação do Deus Filho, porém, não mais o templo, mas Jesus Cristo é a plena habitação de Deus. A glória do Deus Pai é vista no Deus Filho. Jesus Cristo é a imagem do Deus invisível (Cl 1.15). Já não é mais necessário subir o monte Sião e adentrar ao pátio do templo de Israel para se encontrar com Deus, pois o caminho para adorar ao Pai é o Filho, em espírito e em verdade (Jo 4.24). O Pai e o Filho são um (Jo 1.14; 14.9; 17.22,24). Jesus é o único caminho que nos conduz a Deus (Jo 14.6). Por meio de sua morte e ressurreição, temos acesso à presença do Senhor (Hb 10.19-23).

III. IMPLICAÇÕES DA ENCARNAÇÃO DO FILHO DE DEUS

A. Adore fervorosamente a Jesus

Diante do milagre de Jesus, Pedro adora (Lc 5.8). Frente ao Cristo que ressuscitou, Tomé adora (Jo 20.28). Após uma sistemática descrição das ações salvadoras de Deus por meio de Jesus, Paulo adora (Rm 11.33-36). Frente à revelação da majestade de Cristo, João adora (Ap 22.8-9). Todos responderam ao conhecimento de Cristo em adoração. O conhecimento de Jesus deve conduzir-nos à adoração mais humilde e a um amor mais profundo por ele. Você tem cuidado para que a extensão de seu entendimento sobre quem é Jesus gere profundidade em sua adoração?

B. Proclame corajosamente o nome de Jesus

Da mesma forma que João (Jo 1.7-8), recebemos o privilégio de testificar a todos que Jesus é a luz do mundo (Mt 28.19). Somos embaixadores da parte de Cristo

conclamando o mundo ao arrependimento para a salvação (2Co 5.20). Somente no nome de Jesus, o Verbo encarnado, o Deus Filho, é possível receber salvação (At 4.12). Não podemos nos furtar a essa responsabilidade (1Co 9.16). João, por sua vez, registra o próprio Jesus dizendo: “*Enquanto* estou no mundo, sou a luz do mundo” (Jo 9.5). Mas, e depois? A luz que brilha se apagará? Não haverá mais luz para as nações após a ascensão de Jesus? As trevas, então, prevalecerão? De modo algum. A luz que se viu por meio de Cristo agora pode ser vista por meio dos verdadeiros discípulos de Jesus que vivem e pregam o evangelho da salvação.

A igreja é apresentada como “candelabros ou candelabros” (Ap 1.20). E, de fato, os discípulos são a luz do mundo, à medida que seguem os passos do mestre Jesus (Mt 5.14,16). A igreja é a extensão do ministério terreno de Cristo. Paulo diz que a igreja exala o perfume de Cristo (2Co 2.15). O apóstolo Paulo é incisivo quanto ao papel da igreja. Ele diz: “... o Senhor assim no-lo determinou: Eu te constituí para luz dos gentios, a fim de que sejas para salvação até aos confins da terra.” (At 13.46-47). Paulo está citando Isaías 49.6, palavras originalmente anunciadas por Deus com respeito ao Messias. Entretanto, Paulo absorve as palavras do profeta e as aplica para si e para aqueles que estão engajados na missão de levar a mensagem da salvação aos confins da terra: “... nos ordenou...”. Como você tem desempenhado sua função de levar o evangelho da salvação às pessoas?

C. Imite a humildade de Jesus

A humildade que nos conduz ao serviço e à autorrenúncia por amor às

peçoas é uma marca na vida de cada discípulo de Jesus (Mt 11.29; 18.1-3; Jo 13.12-17,34-35; 1Pe 2.21-24; 1Jo 2.5-6). Vida cristã e soberba não combinam. A Bíblia ensina que Deus “resiste aos soberbos” (1Pe 5.5), “derruba a casa do orgulhoso” (Pv 15.25a), “não tolera o homem de olhos arrogantes e de coração orgulhoso” (Sl 101.5), “detesta os orgulhosos de coração” (Pv 16.5), tem um dia reservado para “todo soberbo e altivo e contra todo aquele que se exalta, para que seja abatido, para tudo o que é exaltado para que eles sejam humilhados” (Is 2.12). A encarnação de Cristo é uma grande lição da humildade (Fp 2.6-8). Ele nasceu longe dos grandes palácios, cultivou uma vida simples. Num ato emblemático e didático, lavou os pés dos discípulos e lhes requereu o mesmo espírito humilde (Jo 13.14). Disse que veio para servir e não para ser servido (Mt 20.28). Ensinou que grandeza aos olhos de Deus se mede no serviço e na simplicidade (Lc 22.26). O exemplo de Jesus tem movido você a imitar a autorrenúncia dele? (Fp 2.1-5).

D. Encontre auxílio e socorro em Jesus

A humanidade e a divindade de Cristo são essenciais para sua função sacerdotal (Hb 2.17). Deus separou a tribo de Levi, um dos filhos de Jacó, para o ofício sacerdotal. O sumo sacerdote levita, por exemplo, agia como representante dos homens, entrando na presença do Senhor para oferecer sangue em benefício dos homens pecadores, inclusive dele mesmo, uma vez ao ano (Lv 16). Jesus, por sua vez, é chamado de “grande sumo sacerdote” porque seu sacerdócio é muito superior ao de todos aqueles que o precederam (Hb 3.1; 4.14-15; 5.5-6; 6.20; 7.17,26; 8.1;

9.11,25; 10.21). Jesus tomou o lugar de pecadores, de uma vez por todas, nessa obra sacerdotal (Hb 9.28; 10.10-12). Ele ofereceu a si mesmo como sacrifício pelos pecados (Jo 1.29; Tt 2.14; Ef 1.7; Cl 1.14; Hb 9.11-12). Seu sangue derramado pagou a penalidade e nos lavou de nossas iniquidades (Ap 1.5). Jesus é o perfeito sacerdote. Só ele pode nos salvar da ira de Deus e nos reconciliar com Deus Pai (Rm 5.6-10; Cl 1.19-23; 1Pe 3.18). Além disso, Jesus tem o poder de nos socorrer em nossas fraquezas, pois ao mesmo tempo em que conhece o sofrimento humano por tê-lo experimentado, ele é poderosamente capaz de nos dar o escape em meio às nossas tribulações (Hb 2.18; 4.15; 7.25). Você tem cultivado uma vida saudável de oração, sobretudo naqueles momentos em que a tentação e as provações são intensas? O que você precisa mudar para buscar mais constantemente o auxílio de Cristo em oração?

CONCLUSÃO

Jesus Cristo é perfeitamente humano, santo, inculpável, puro, separado dos pecadores. É também verdadeiro Deus, em honra, majestade e poder, exaltado acima dos céus. Ele, voluntariamente, se entregou para que o homem fosse libertado do pecado. Louvado seja o Senhor, o qual, por causa de seu tão grande amor, deu o seu único Filho ao mundo, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna (Jo 3.16).

APLICAÇÃO

Confie plenamente em Jesus. Descanse em Jesus, pois ele tem toda autoridade sobre o céu e a terra (Mt 28.18). Confie que Jesus Cristo tem o poder de

colocar todas as coisas em ordem, pois ele é o Deus eterno, o criador de tudo (Jo 1.1-3). O nome de Jesus é o nome sobre todo nome (Fp 2.9). Não há nada que resista à voz de comando de Cristo. Ele é o rei dos reis e senhor dos senhores. Você tem confiado nele? A oração é uma ótima ferramenta para você aprender a descansar em Jesus (Fp 4.6-7).

JESUS CRISTO, DEUS E HOMEM

Como é possível um homem ser Deus?

A teologia reformada afirma a humanidade plena e a divindade plena de Jesus. Tradicionalmente, essa visão é chamada de doutrina da *união hipostática*, uma doutrina que expressa a união perfeita entre a natureza humana e a natureza divina de Jesus numa só pessoa. Nessa união, a segunda pessoa da Trindade, ou seja, Deus o Filho, se tornou plenamente humano sem perder nenhum dos seus atributos divinos.

É surpreendente que os seguidores judeus de Jesus acreditassem que ele era tanto Deus quanto homem. Os apóstolos de Jesus e a maioria dos escritores do Novo Testamento eram judeus que possuíam a forte convicção de que existe um só Deus e que nenhum ser humano é divino. Não obstante, todos ensinavam que o Messias devia ser objeto de adoração e fé como Deus o era. Esse conceito pode ser observado especialmente nos escritos de João, Paulo, Pedro e na carta aos Hebreus.

João revelou Jesus como o Verbo divino eterno, agente da criação e fonte de toda a vida e luz (Jo 1.1-5,9) que, ao se tornar “carne”, foi revelado como Filho de Deus, a fonte de graça e verdade – e, de fato, como “unigênito [ou Único] do Pai” (Jo 1.14,18). Ao longo do Evangelho de João, Jesus afirma em várias ocasiões “Eu sou...” – uma declaração particularmente significativa, uma vez que “Eu sou” é a expressão usada como nome de Deus na tradução grega (*Septuaginta*) de Êxodo 3.14. Outros exemplos são as sete declarações da graça de Jesus como (1) o pão da vida, que dá o alimento espiritual (Jo 6.35,48,51); (2) a luz do mundo, que afasta as trevas (Jo 8.12; 9.5); (3) a porta para as ovelhas, que dá acesso a Deus (Jo 10.7,9); (4) o bom pastor, que protege as ovelhas do perigo (Jo 10.11,14); (5) a ressurreição e a vida, que vence a morte (Jo 11.25); (6) o caminho, a verdade e a vida, que conduz à comunhão com o Pai (Jo 14.6); e (7) a videira verdadeira, que sustenta os ramos para que deem fruto (Jo 15.1,5). Num momento crítico, Tomé adorou Jesus dizendo, “Senhor meu e Deus meu!” (Jo 20.28). Na sequência, Jesus proferiu uma bênção sobre todos os que creem e João recomendou com insistência a seus leitores que tenham essa mesma fé (Jo 20.29-31).

Paulo citou o que parece ser um hino que declara a divindade pessoal de Jesus (Fp 2.6-11). Afirmou que “nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade” (Cl 2.9; cf. Cl 1.19). Aclamou Jesus como Filho à imagem do Pai e seu agente na criação e sustentação de todas as coisas (Cl 1.15-17). Anunciou que ele é “Senhor” (um título com implicações divinas) ao qual se deve orar para receber a salvação, de acordo com a exortação para invocar a Deus em Joel 2.32 (Rm 10.9-13). O apóstolo afirmou que Cristo é “sobre todos, Deus bendito” (Rm 9.5) e “Deus e Salvador” (Tt 2.13), e se dirigiu a ele pessoalmente em oração (2Co 12.8-9), considerando-o uma fonte de graça divina (2Co 13.14). Pode-se ver por esse testemunho explícito que a fé na divindade de Jesus ocupa o centro da teologia de Paulo.

Ao explicar o sumo sacerdócio perfeito de Jesus, o autor de Hebreus declarou a divindade plena e, conseqüentemente, a dignidade singular do Filho de Deus (Hb 1.3,6,8-12), cuja humanidade plena ele celebrou no capítulo 2. A perfeição e, de fato, a própria possibilidade do sumo sacerdócio que ele atribuiu a Cristo dependem de uma combinação do amor divino eterno e fiel com a experiência humana plena de tentação, pressão e dor (Hb 2.14-18; 4.14-5.2; 7.13-28; 12.2-3).

Continua na página 11

2

A APRESENTAÇÃO DO FILHO DE DEUS

João 1.19-2.25 e 3.22-36

Para ler e meditar durante a semana

D – Jo 3.17 – Jesus, o Salvador do mundo; **S** – Jo 4.6-14 – Jesus, a fonte da água viva;
T – Jo 6.48 – Jesus, o pão da vida; **Q** – Jo 8.12-36 – Jesus, a luz e a verdadeira liberdade;
Q – João 15.1-11 – Jesus, a videira verdadeira; **S** – Jo 10.11-18 – Jesus, o bom pastor;
S – Jo 11.25 – Jesus, a ressurreição e a vida

INTRODUÇÃO

João Batista teve o privilégio de apresentar Jesus para a nação de Israel. A essa altura da narrativa, “a voz que clama no deserto” foi ouvida por uma multidão. Uma comitiva é enviada pelos judeus (ou fariseus, cf. Jo 1.24) para avaliar o ministério daquele que conclamava o povo ao arrependimento, batizava com água, anunciava alguém, que não a si próprio, exercia seu ministério num local inusitado, se vestia de pelos de camelo e se alimentava de gafanhotos e mel silvestre. O objetivo desse grupo era investigá-lo e inquiri-lo a respeito de sua pessoa e obra. Os judeus foram educados para testar qualquer profeta (Dt 18.18-22).

Seria João Batista o Messias prometido? O profeta Elias? Ou qualquer outro profeta? João Batista deixa claro que ele não era o Messias (Jo 1.15,20-21,33). Pouco contente com as negativas, a cúpula, então, pergunta: “Quem és tu?”

I. O TESTEMUNHO DE JOÃO BATISTA SOBRE SI (Jo 1.23,27)

Isaías, em meio ao deserto espiritual do seu povo, pregou arrependimento e restauração por meio daquele que era poderoso para salvar a nação de sua derrocada espiritual (Is 40.3; cf. Ml 3.1). Essa função encontrou seu cumprimento no

ministério de João Batista (Mt 3.3; Mc 1.2-4; Lc 3.3-6).

João Batista era como os servos que construíam uma estrada quando o seu rei estava prestes a viajar (Jo 1.23). Seu ministério consistiu em preparar espiritualmente as pessoas para a chegada do Rei Jesus.

O testemunho de João Batista está cercado de afirmações sobre a grandeza de Jesus em contraste à sua pequenez. Ele diz que não seria digno de desamarrar as sandálias do Cristo que estava por vir. Quando um convidado de honra ou o dono da casa chegava, a tarefa do escravo mais humilde era de lhe retirar as sandálias, lavar os pés e limpar o calçado. João Batista considerava-se indigno de realizar a tarefa mais servil ou degradante em favor do ungido de Deus. João Batista sabia que não era nada, se comparado a Jesus.

II. O TESTEMUNHO DE JOÃO BATISTA SOBRE JESUS

A. O Cordeiro de Deus (Jo 1.29, 35-36)

No dia seguinte ao interrogatório, João Batista vê Jesus e faz uma das declarações mais lindas sobre a obra do Messias: “eis o Cordeiro de Deus” (Jo 1.35-36). O povo de Israel estava familiarizado com o sacrifício de cordeiros no

altar do templo de Jerusalém para simbolizar confissão e perdão de pecados. Quando aplicado a Jesus, o título aponta para um cordeiro ímpar, incomparável, perfeito, que assume o lugar do suplicante uma única vez (1Jo 3.5). Jesus é o sacrifício eficaz que promove perdão de pecados pelo derramamento de seu precioso sangue (Is 53.11). Aqueles animais não podiam tirar o pecado, mas o Messias tem esse poder (Hb 10.4-10). Jesus derramou seu sangue para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna (Jo 3.16). Glórias, graças e honra sejam sempre dadas ao Cordeiro de Deus, o único que é digno de recebê-las, porque ele foi morto, e com o seu sangue comprou para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo e nação (Ap 5.9).

B. O Noivo (Jo 3.22-35)

João Batista enfatizou que seu ministério consistia em dar testemunho da verdadeira luz (Jo 1.6-8). Ele comparou Jesus ao noivo e chamou a si próprio de melhor amigo desse noivo (Jo 3.29). Em outras palavras, Jesus é o personagem principal e João Batista é um mero coadjuvante. Todas as atenções devem estar voltadas para o noivo. Ninguém pode ofuscá-lo nem tomar o seu lugar.

A imagem do noivo carrega um sentido especial, já que Deus fala de sua relação com o seu povo em termos de uma aliança de casamento (Is 54.5; Ez 16.8; Os 2.19-20; Ml 2.11; Ef 5.32; 2Co 11.2). Haverá um dia em que o noivo, Jesus, voltará para buscar a sua noiva, a igreja, e celebrar com ela as bodas do Cordeiro (Ap 19.6-9; 21.2,9; 22.17).

Por fim, João Batista afirma que a grandeza de Jesus é superlativa. Ninguém

se compara a ele. Jesus está acima de todos, pois domina sobre tudo (Jo 3.31; 6.38-41; 13.3). Diante disso, Jesus precisa sempre crescer e cabe a nós – seja João Batista, eu ou você – o dever de sempre nos diminuir ante sua realza.

III. O TESTEMUNHO DE JOÃO BATISTA E NATANAEL SOBRE JESUS (Jo 1.34, 49)

Jesus é chamado de “Filho de Deus” ao menos nove vezes no Evangelho de João (Jo 1.34,49; 3.18; 5.25; 10.36, 11.4,27; 19.7; 20.31). Lembre-se de que o grande objetivo de João é convencer seus leitores de que Jesus é o Filho de Deus (20.31). Para os judeus, auto-intitular-se “Filho de Deus” implicava fazer-se igual a Deus (10.36). Uma das acusações levantadas contra Jesus em seu julgamento foi que ele “a si mesmo se fez Filho de Deus” (19.7).

A Escritura deixa claro que Jesus é o Filho que tem o amor do Pai (Jo 5.20), que compartilha das obras do Pai (5.17), que possui a mesma honra que o Pai (5.23), que conhece o Pai em toda a sua plenitude (10.15), que é um com o Pai (10.38; 14.10-11). Mediante a fé em Cristo, da mesma sorte somos feitos filhos de Deus, adotados por ele e recebidos em sua família (Gl 4.5; Ef 1.5). Em Cristo temos o privilégio de partilhar da comunhão com o Pai celeste e de fazer parte de sua família (Jo 1.12). Alicerçados na obra de Jesus, temos a liberdade de nos relacionar com Deus como nosso “Aba, Pai” (Rm 8.15).

IV. O TESTEMUNHO DE ANDRÉ (Jo 1.32-33,41,49)

Após encontrar-se com Jesus, André vai atrás de seu irmão, Simão

Pedro, para testemunhar: “Nós encontramos o Messias!”.

Messias é uma palavra hebraica que significa “ungido” (“Cristo” é o seu equivalente na língua grega), para se referir a uma unção cerimonial de pessoas ou objetos separados para o serviço especial de Deus (Êx 30.26-29; 40.9-11; Lv 8.10). No Antigo Testamento, profetas, sacerdotes e reis eram ungidos, isto é, recebiam uma porção de óleo sobre a cabeça, como rito de iniciação do seu ofício (Êx 30.30; Lv 8.12; 1Sm 10.1; 16.13; 1Rs 1.39; 19.16). Reis foram especialmente chamados de “ungidos de Deus” (1Sm 26.11; Sl 89.20).

Jesus foi formalmente estabelecido para exercer os ofícios de rei, profeta e sacerdote quando o Espírito Santo veio sobre ele em forma de pomba. Cristo:

1) Cumpre seu papel de profeta, pois nós revela toda a vontade do Pai para a nossa salvação e edificação;

2) Desempenha sua função de sacerdote, pois, oferecendo a si mesmo na cruz como sacrifício perfeito, nos garante livre acesso à presença de Deus e intercede por nós;

3) Exerce seu ofício de rei, subjugando todos os nossos inimigos, Satanás, pecado e morte, e nos assegura a mesma vitória em seu nome.

V. O TESTEMUNHO DE JESUS SOBRE SI (Jo 1.51)

“Filho do Homem” era um título do Messias (Jo 12.34). A imagem do Filho do Homem vindo nas nuvens do céu ecoa a grande visão do profeta Daniel (Dn 7.13-14). O Filho do Homem anunciado pelo profeta é exibido como rei absoluto. É o rei glorioso que desce para este

mundo com o intuito de assumir o governo nos céus e na terra. Quando Jesus acrescenta: “e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem”, temos uma clara referência ao sonho de Jacó em Gênesis 28.12, embora não haja menção da escada que Jacó enxergou em seu sonho. O Filho do homem, adorado e servido por anjos, é a escada de Jacó, o único caminho que reconcilia a terra com o céu (Jo 14.6).

Natanael reconhece Jesus como o rei de Israel, mas essa designação, conquanto seja verdadeira, já que Jesus reina sobre tudo, pode reduzir o objetivo de sua obra redentora, pois ele veio para tirar “o pecado do mundo”; a oferta de salvação é universal, jamais étnica ou geográfica. Diante disso, ao usar o termo “Filho do Homem”, percebe-se também o cuidado de Jesus em evitar qualquer título que possa ser tomado em um sentido político.

VI. O TESTEMUNHO DO PRIMEIRO MILAGRE DE JESUS (Jo 2.1-11)

Jesus escolheu uma festa de casamento para desempenhar seu primeiro milagre. O vinho havia terminado, motivo de vergonha para os anfitriões. Maria relata o problema a Jesus. A resposta dele talvez nos soe ríspida, mas a palavra “mulher” foi uma maneira educada dele se dirigir a Maria (Jo 19.26; 20.13).

Jesus deixa claro em sua resposta que seu ministério é determinado exclusivamente pelo tempo e pela vontade do Pai, e de mais ninguém (Jo 8.29). Logo em seguida, Jesus faz algo inusitado: manda trazer seis talhas de pedra, usadas para as purificações dos judeus. Eles estavam acostumados a lavarem-se antes de comer por determinação da lei oral

(Mt 15.2; Mc 7.3). Jesus pede que esses recipientes sejam cheios com água até o topo; então, surpreendentemente, a água das talhas da purificação é miraculosamente transformada em vinho de primeiríssima qualidade.

O primeiro milagre de Moisés foi transformar água em sangue (Êx 7.19), um anúncio do divino julgamento sobre a terra do Egito. O primeiro milagre de Jesus, em contrapartida, anuncia a graça de Deus aos povos da terra. A verdadeira purificação é realizada por intermédio do sangue de Cristo, simbolizado na figura do vinho (Mt 26.28; 1Jo 1.7). Por meio desse milagre a glória de Jesus foi manifestada diante de seus discípulos e eles creram nele (Jo 1.14; 2.11). O verdadeiro meio de se limpar as impurezas da alma, semelhantemente, é desvendado nesse primeiro ato miraculoso do Messias.

VII. O TESTEMUNHO DE JESUS NO TEMPLO (Jo 2.12-25)

O judeu fiel possuía o hábito de ir ao templo pelo menos em três datas especiais, uma delas era na festa da Páscoa (Dt 16.16). Para milhares deles, essa era uma longa jornada, cujo trajeto poderia levar dias ou até semanas. Soma-se a isso o fato de que a adoração no templo de Jerusalém baseava-se principalmente no sacrifício de animais. Por isso, algumas pessoas viram aí um negócio lucrativo. O desejo de facilitar a vida dos peregrinos vendendo-lhes animais cedeu lugar à ganância de usar a fé dos adoradores. O câmbio de moeda estrangeira por moeda judaica também era uma prática necessária, mas as taxas passaram a ser abusivas. Esses negócios escusos eram praticados no

“pátio dos gentios”, área reservada para os gentios ouvirem a respeito do Deus único e verdadeiro. Jesus, o Deus Filho, que cuida dos interesses do Deus Pai, exerce sua autoridade divina e se ira ao se deparar com esse mercado religioso.

Jesus expulsou os que transformavam o templo em uma “casa de empório”, uma espécie de estabelecimento comercial da fé (cf. Mt 21.13; Mc 11.17: “covil de ladrões”). Perguntado sobre seu embasamento para fazer e dizer aquelas coisas, Jesus usa a figura do templo para falar de sua autoridade: “Derribai este santuário, e em três dias o levantarei” (Jo 2.19).

O templo de Herodes foi iniciado em 20 a.C. e foi concluído por volta do ano 25 d.C., como poderia um homem “levantá-lo” em três dias? Essa declaração foi um anúncio de sua morte e ressurreição. Esse seria seu argumento final de autoridade. Os judeus, no entanto, não entenderam. Chamando seu corpo de templo, Jesus ensina que ele é a verdadeira habitação de Deus. No Filho reside toda a plenitude do Pai, não em templos feitos por mãos humanas (Jo 1.14; At 7.48; 17.24; Cl 1.19; 2.9). O antigo pacto cumpriu a sua finalidade, a “graça e a verdade” vieram por meio de Jesus Cristo (Jo 1.14,17). Ele é o novo sacrifício e o novo templo. Nem a morte seria capaz de impedir a concretização de sua obra de redenção (Jo 10.17-18). O cordeiro de Deus haveria de ressuscitar dentre os mortos para assumir toda autoridade nos céus e na terra.

VIII. O ULTIMATO DE JOÃO (Jo 3.36)

Essa é a única vez no Evangelho e em suas Cartas que João registra a palavra

“ira”. A lição desse verso é que não há neutralidade no mundo espiritual. Jesus disse que quem não é com ele é contra ele (Mt 12.30; Lc 11.23). Não existe terceira via nesse assunto de vida ou morte. Ficar em cima do muro sobre Cristo ou negá-lo significa rejeitá-lo. João finaliza sua apresentação do Messias conclamando-nos a depositar nossa confiança no Filho de Deus. A promessa é de “vida eterna”, uma vida abundante que Cristo, graciosamente, nos dá para começar a ser usufruída aqui e agora (Jo 10.10). Os que não tiverem dobrado seus joelhos diante do Rei Jesus receberão a ira de Deus em lugar de sua misericórdia, e estarão irremediavelmente condenados para todo o sempre (Jo 3.18; 15.6; 1Jo 5.9-12).

CONCLUSÃO

Ninguém pode equiparar-se a Cristo, pois nele reside toda a plenitude de Deus. Seu poder é insuperável, seu sacrifício é perfeito, seu perdão é completo, seu reinado é absoluto, ele é o caminho para o Pai celestial. Seu nome é sobre todo nome, “e em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos” (At 4.12).

APLICAÇÃO

Jesus nos concedeu o dever e privilégio de apresentá-lo a todos os povos da terra: “Sereis minhas testemunhas” (At 1.8). Comprometa-se, sob o poder do Espírito, a orar, agir e contribuir nesse sentido.

Continuação box da página 6

Igualmente importante é o uso que Pedro fez de Isaías 8.12-13 (1Pe 3.14). Ele citou a versão grega (*Septuaginta*), instando as igrejas a não temerem aquilo que os outros temem, mas a santificarem o Senhor. No entanto, onde o texto da *Septuaginta* diz “Ao Senhor dos Exércitos, a ele santifica”, Pedro diz “santificai a Cristo, como Senhor” (1Pe 3.15). Pedro ofereceu o temor reverente devido ao Todo-Poderoso a Jesus de Nazaré, seu Mestre e Senhor.

Um momento crucial da afirmação da união hipostática se deu no Concílio da Calcedônia (451 d.C.). Nessa ocasião, a igreja combateu dois erros: (1) A doutrina nestoriana segundo a qual Jesus possuía não apenas duas naturezas, mas também duas “pessoas” (divina e humana) reunidas num só corpo; (2) e a doutrina eutíquiiana segundo a qual Jesus possuía somente uma natureza, uma vez que a sua divindade havia absorvido a sua humanidade. O Concílio rejeitou as duas ideias, afirmando que Jesus é uma só pessoa divina-humana com duas naturezas (ou seja, dois conjuntos de capacidades de experiência, expressão, reação e ação) e que as duas naturezas são unidas em seu ser pessoal sem mistura, confusão, separação ou divisão, de modo que cada natureza mantém seus próprios atributos.

O Novo Testamento revela o grande mistério de que Jesus é, ao mesmo tempo, plenamente Deus e plenamente homem. Tudo o que Deus nos criou para ser, bem como tudo o que o próprio Deus é estava, está e estará para sempre verdadeira e claramente presente na pessoa única de Jesus. O Novo Testamento ordena que Jesus seja adorado e mostra, com frequência, o Salvador divino-humano e Senhor com o objeto apropriado de fé, esperança e amor.

João 3.1-21

Para ler e meditar durante a semana

D – Ef 2.10 – Criados em Cristo Jesus; **S** – 1Pe 1.22-25 – Regenerados pela Palavra incorruptível;
T – Mt 19.23-30 – Quando Jesus voltar haverá regeneração final;
Q – 2Co 5.16-17 – Em Cristo somos novas criaturas; **Q** – Gl 6.15 – Nova criatura;
S – Rm 12.1-2 – A nova mente; **S** – Rm 6.4; 7.6 – Somos novos para andar como novos

INTRODUÇÃO

Depois de narrar eventos que testificam a divindade de Jesus, João relata uma conversa entre o Senhor Jesus e um religioso muito conhecido chamado Nicodemos. Baseado não só no que viu, mas também no que ouviu, Nicodemos procurou conversar com Jesus porque entendia que estava diante de um mestre que só poderia ser enviado da parte de Deus (Jo 3.2).

O que poderia ter sido apenas mais uma das conversas que Jesus teve com várias pessoas, se transformou num dos relatos bíblicos mais conhecidos da história. Jesus falou com profundidade e firmeza sobre o novo nascimento, tão necessário para entrar o reino dos céus.

I. UM FARISEU PRECISA DE REGENERAÇÃO?**A. Nicodemos era um fariseu**

“Havia, entre os fariseus, um homem chamado Nicodemos, um dos principais dos judeus” (v. 1). Nicodemos fazia parte do mais popular grupo religioso de sua época. Os fariseus desfrutavam de grande simpatia entre os judeus mais pobres e eram muito influentes no Sinédrio, ainda que não estivessem em maior número. Eles contavam com membros abastados e muito

instruídos na Lei de Deus e na tradição oral e escrita (Talmud, Midrash e Mishnah).

Além de fariseu, Nicodemos era membro do Sinédrio, um conselho composto pelas pessoas mais importantes e mais bem preparadas do povo judeu. O Sinédrio era responsável pelo ensino e aplicação da Lei. Um membro dessa “corte” era muito respeitado e desfrutava de grandes privilégios.

Em suma, Nicodemos era um líder político e religioso, tinha grande capacidade financeira e intelectual e era um reconhecido mestre da Lei. Inicialmente, o fariseu era alguém conhecido por ser puro, santo e separado do convívio com as coisas do mundo. O fariseu, aparentemente, seguia à risca a Torah e a tradição. Contudo, a conversa entre Nicodemos e Jesus mostrou outra realidade.

B. O encontro secreto

“Este, de noite, foi ter com Jesus” (v. 2). Parece que esse encontro não teria sido bem visto pelos pares de Sinédrio e pelo grupo religioso de Nicodemos, pois o relacionamento entre Jesus e os fariseus era sempre tenso. Jesus disse que os fariseus poderiam ser ouvidos, mas não seguidos ou tidos como exemplo (Mt 23.3), pois eram hipócritas, e jamais poupou críticas e eles.

Jesus disse que eles eram hipócritas, insensatos, sepulcros caiados, orgulhosos, vaidosos, exibicionistas e tantas outras coisas. Disse que se nossa justiça não exceder em muito a dos fariseus não poderemos entrar no reino dos céus (Mt 5.20). Jesus contou uma parábola para condenar a marcante autojustificação do fariseu, que entendia que cumpria a Lei e por isso seria aceito por Deus (Lc 18.9-14).

Por outro lado, os fariseus disseram que Jesus operava os sinais por obra de Belzebu, o maioral dos demônios (Mt 12.24; Jo 8.48). Eles perseguiam a Jesus por toda parte, fazendo grande resistência ao seu ministério. Por isso Jesus disse: “a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más” (Jo 3.19).

Diante de tão acirrado conflito entre Jesus e os fariseus, não seria sensato pensar que Nicodemos escolheu a parte da noite para conversar com Jesus simplesmente porque seria um período mais tranquilo. Nicodemos sabia que ser confundido com um seguidor, discípulo ou mesmo simpatizante seria o mesmo que cair em desgraça. Declarar crer em Jesus como o Cristo, o Filho de Deus, seria o mesmo que declarar suicídio social, político e religioso mesmo para um fariseu de tão grande estatura.

C. O que é a regeneração?

A conversa entre Jesus e esse proeminente líder religioso e político foi marcada por afirmações contundentes de Jesus. Ele disse que para ter acesso à vida eterna o ser humano precisa nascer novamente. Isso quer dizer que não seria suficiente crescer moralmente ou aperfeiçoar o interior com boas obras, ainda que

sejam boas obras da Lei (O jovem rico: “O que farei para herdar a vida eterna?” Lc 18.18). Era necessário um ato criativo sobrenatural de Deus, que proporcionaria uma mudança radical e completa do homem interior.

Nicodemos, depois de retrucar, continuou ouvindo que suas obras não tinham qualquer valor diante de Deus para a salvação, pois o que importa é nascer de novo, ou nascer da água e do Espírito. Isso quer dizer que não seria suficiente ser judeu, fariseu, mestre da lei, membro do Sinédrio ou rico, visto que o que importa mesmo é “nascer de novo” ou “nascer da água e do Espírito” (Jo 3.4-6). Jesus foi contundente e intransigente, atitudes raras em nossos dias.

O que se espera de um homem tão religioso, importante e entendido da lei? O Senhor Jesus disse que esperava entendimento das coisas espirituais, pois se tratava de um mestre da lei (Jo 3.10). Segundo Jesus, era dever de Nicodemos saber o que significava alguém ser gerado pelo Espírito. Ou seja, além de dizer que sua religião não ensinava o caminho para ver o reino dos céus, disse também que ele era ignorante e propagador da ignorância que condena.

As honrosas palavras iniciais (Jo 3.2) de Nicodemos podem dar a impressão de que ele realmente se interessava por Jesus. Contudo, essa não parece ser a melhor interpretação, visto que Jesus não é um milagreiro, curandeiro, mestre de grande capacidade. Jesus é o Filho de Deus, o Messias enviado por Deus para morrer pelos pecadores.

O Espírito Santo, como o vento, sopra onde quer, e regenera pecadores, pelos méritos de Jesus Cristo, o Filho de

Deus, e faz com que pecadores de todos os povos, línguas e nações cheguem ao pleno conhecimento do Filho de Deus. O Espírito implanta nos pecadores a nova vida, que vem do céu (do alto).

A vida na presença de Deus é espiritual, porque é produzida pelo Espírito, e ela contradiz a vida que é fruto da carne, da justificativa pelo cumprimento da Lei, ou boas obras, a partir da Lei. O que é nascido do Espírito (do alto) é espírito, e o que é nascido da carne, ou seja, das obras da Lei, é carne; quem vive na carne será condenado (Jo 3.6; Gl 4.3-11).

Assim como todos são pecadores (Sl 51.5), importa, como foi com Nicodemos, a qualquer religioso judeu (ou cristão) ser justificado pela justiça de Jesus Cristo na cruz e, conseqüentemente, ser regenerado, santificado e, por fim, glorificado.

Em resumo, para ser salvo, o pecador precisa que a obra de Jesus Cristo seja aplicada pelo Espírito Santo ao pecador. Isso sim o faz nova criatura, e não o mero fato de ser judeu, fariseu ou membro do Sinédrio.

II. NASCER DA ÁGUA E DO ESPÍRITO

O significado de “nacer da água e do Espírito” pode ser compreendido quando observamos o contexto mais amplo das Escrituras.

A. Ezequiel profetiza a regeneração nos últimos dias

Jesus disse, como Ezequiel havia profetizado (Ez 36.25-27), que para ser salvo o ser humano precisa da purificação, simbolizada pela lavagem com água, e também da obra transformadora do Espírito no homem interior.

Nicodemos considerava que poderia se justificar pela obediência à Lei, pelo

apego às tradições, ou mesmo apropriarse da salvação simplesmente porque era judeu. Jesus o confrontou, dizendo que somente os que são purificados, habitados pelo Espírito e, assim, transformados em novas criaturas, podem ser herdeiros do reino de Deus (Rm 2.28-29).

Portanto, não há distinção entre judeus e gentios para a salvação. Quaque um pode ser salvo, desde que tenha nascido da água e do Espírito (Rm 10.12-13). O derramamento do Espírito sobre toda a carne é prometido por todo o Antigo Testamento (Nm 19.17-19; Sl 51.9-10; Is 32.15; 44.3-5; 55.1-3; Jr 2.13; 17.13; Ez 47.9; Jl 2.28-29; Zc 14.8). Certamente é de admirar que um mestre da lei não soubesse a respeito dessa promessa (Jo 3.7,10).

Além da citação de Ezequiel 36, Jesus mencionou o levantar da serpente no deserto (Nm 21.4-9) como um paralelo ao que deveria acontecer por meio de sua morte na cruz. Jesus afirmou que falava do que sabia, que pregava o que conhecia, porque falava do que vira no céu, pois veio de lá. O Filho do Homem deveria ser levantado para justificar os sem justiça e outorgar o seu Espírito aos pecadores para que fossem purificados e feitos novas criaturas (Rm 5.5-11). Para isso, basta crer que Jesus é quem é.

B. Jesus veio ao mundo por amor

“... Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito” (Jo 3.16). Jesus aprofundou o assunto quando ensinou sobre a origem do novo nascimento. A realidade da salvação nasce do amor de Deus. Deus nos amou de tal maneira que nos enviou o seu único Filho para morrer por todo aquele que nele

crer. Quem crê em Jesus recebe a nova vida, quem não crê já está condenado, porque não crê no nome do unigênito de Deus (Jo 3.18).

Diante de tão grande explicação sobre a salvação, João não revela a reação imediata de Nicodemos ao que havia sido explicado. Mesmo que o próprio Senhor Jesus tenha dito que os homens negam a sua vinda por causa de suas más obras (Jo 3.19), Nicodemos não demonstrou segundo o relato e segundo João 7.50-53, qualquer arrependimento e fé.

O que sabemos é que Jesus confrontou um dos maiores dos judeus, reconhecido mestre e membro do Sinédrio, dizendo, entre outras coisas, que para um homem herdar o reino dos céus era preciso crer no Filho de Deus e, assim, receber o Espírito Santo, que opera a obra de Cristo no pecador. O Messias prometido deveria vir para restaurar, regenerar, tra-

zer vida em abundância (Jo 10.10), que é a vida eterna ao seu povo (Ez 37.1-14). Tudo por amor (Rm 5.8).

CONCLUSÃO

Em resumo, foi uma conversa duríssima e um forte golpe na religião cultivada por Nicodemos. Confiando em suas boas obras, ele se sentia cumpridor da Lei e das tradições. No entanto, o que importava de fato era que ele passasse por um processo criativo sobrenatural, da parte de Deus, que purificasse e transformasse radicalmente o âmago do seu ser. Os pecadores precisam confiar na obra que Jesus Cristo fez na cruz do Calvário, para que, justificados, sejam redimidos e assim alcancem o reino dos céus.

APLICAÇÃO

Procure um amigo não cristão e lhe explique a ideia de Jesus sobre o novo nascimento.

4

O MESSIAS: SATISFAÇÃO DEFINITIVA, ADORAÇÃO VERDADEIRA E EVANGELIZAÇÃO SEM FRONTEIRAS

João 4.1-42

Para ler e meditar durante a semana

D – Gn 33.18-19; 48.52; Js 24.32 – Jacó, o ancestral; **S** – 2Rs 17.6,19,24,28 – A mistura dos povos do norte de Israel; **T** – Ap 7.17; 21.6; Sl 42.1; Is 12.3 – Jesus é a água da vida;

Q – Is 55.1 – Água gratuita para todo sedento; **Q** – Jr 2.13 – Cisternas rotas não seriam suficientes;

S – Zc 13.1;14.8 – De Jerusalém vêm as águas de purificação;

S – Is 49.10 – No porvir não haverá sedentos

INTRODUÇÃO

No local que Jacó havia dado ao seu filho José (um tipo de Cristo no Antigo Testamento), Jesus se apresentava a uma mulher samaritana como o Messias (Jo 4.5). As expectativas messiânicas judaicas eram muito diferentes das samaritanas.

É interessante fazer um paralelo entre a conversa que Jesus teve com Nicodemos e a que teve com a mulher samaritana. Nicodemos era um fariseu do Sinédrio, muito religioso, rico e bem visto por todos, um estrito “cumpridor” da Lei e das tradições. Essa samaritana era uma mulher de nome desconhecido e sem boa reputação.

No entanto, os dois precisavam crer no Senhor Jesus, não simplesmente como um profeta, mestre ou operador de milagres. Jesus é o Cristo, o Messias, o Filho de Deus. Ele é a fonte de água viva. Se ambos beberem dessa fonte, jamais voltarão a ter sede.

I. O MESSIAS: SATISFAÇÃO DEFINITIVA (4.1-18)

O que é relatado em João 4.1-4, repete-se por todo o ministério de Jesus. Os fariseus continuam perseguindo Jesus, a quem deveriam receber como o Messias. A situação foi tão desconfortável que

Jesus decidiu deixar a região da Judeia e partiu para a Galileia.

O caminho mais curto da Judeia até a Galileia passava por Samaria. Outro caminho era feito em seis dias, o dobro do tempo, passando por terras gentílicas. Alguns estudiosos afirmam que certos fariseus, preocupados com a pureza ritual, ensinavam que seria melhor passar pela região gentílica a passar pela Samaria. Jesus fez o caminho mais curto e comum.

A. A aproximação de Jesus (4.5-8)

Ao meio-dia (a hora sexta), Jesus chegou ao poço de Jacó, que ficava a cerca de um quilômetro de distância da cidade de Sicar. Enquanto seus discípulos foram à cidade comprar alimento, uma mulher se aproximou para tirar água. Rompendo com as tradições impostas pelos fariseus, o Senhor falou com aquela mulher, samaritana e mal falada. É que Jesus veio buscar os que estão perdidos (Lc 5.29-32).

B. O espanto da samaritana (4.9)

A mulher samaritana se espantou por Jesus, um judeu, lhe pedir água. Havia uma longa história de inimizade entre judeus e samaritanos, iniciada com a divisão do reino de Israel. Um dos motivos era a discórdia quanto ao local correto de adoração a Deus. Para os samaritanos deveria

ser no monte Gerizim. Para os judeus, com base no que foi revelado por todo o Antigo Testamento, Jerusalém era o local da verdadeira adoração. Além disso, em decorrência da invasão assíria sofrida em 722 a.C., os samaritanos haviam se misturado etnicamente com outros povos – uma estratégia da Assíria para enfraquecer o povo dominado – e os judeus então os consideravam impuros.

O estranhamento da samaritana também se deu por um homem se dirigir a uma mulher, uma perda de tempo segundo a tradição. Pior ainda, falar com uma mulher em público não era bem visto. Mas Cristo não se importou com isso.

Segundo a tradição judaica, se um judeu usasse os mesmos talheres, ou mesmo tocasse em utensílios usados por um samaritano, se tornaria impuro. Jesus, contrariando esses mandamentos humanos, baseados em escrúpulos pecaminosos, pediu para ser servido com água por aquela mulher, usando um utensílio tocado pela samaritana.

C. O dom de Deus (4.10-17)

Jesus lidou com uma mulher que, assim como Nicodemos, não entendia os desígnios celestiais. Judeus e samaritanos são iguais, bem como todo gentio, eles não sabem das coisas de Deus se elas não lhes forem reveladas pelo Espírito (1Co 2.4).

Jesus foi direto com aquela mulher dizendo-lhe que se soubesse com quem falava, ela lhe pediria e receberia água viva. “Água viva” era expressão comum naquela época, referia-se a água corrente. A samaritana entendeu que Jesus dizia ter para oferecer água melhor do que a do poço. Por não compreender as palavras dele, ela ponderou que aquele poço havia

sido aberto pelo pai Jacó, e o Mestre não poderia ser superior a ele. Jesus replicou que aquela água era comum, e que os que dela bebessem voltariam a ter sede, diferentemente da água viva que ele dá. Ela continuou presa à ideia de sede física, pedindo que Jesus lhe desse daquela água para não ter mais de voltar ao poço. Jesus lhe disse que buscasse o marido e voltasse. Isso expôs a realidade de sua vida conjugal. O tom da conversa mudou radicalmente.

Assim como fez com Nicodemos, Jesus não deixou de dizer à mulher a dura verdade, mesmo contrariando as convenções da época. Diante do exposto, ela reconheceu o Senhor como profeta (4.19).

Basicamente, o que Jesus estava dizendo àquela mulher era que – qualquer que seja a nacionalidade, o estado de pecado em que se encontra ou sua ignorância espiritual – quem dele receber a vida eterna jamais voltará a ter necessidade de outra vida.

II. O MESSIAS: ADORAÇÃO VERDADEIRA (4.19-30)

A declaração de Jesus de que “os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em Espírito e em Verdade” marcou não somente a vida da mulher samaritana, mas revelou também o quanto seria mudada a vida dos judeus que cressem. O que estava sendo declarado implodia toda a organização religiosa judaica, não apenas a samaritana.

A. “... tu és profeta...”

Os samaritanos, assim como os judeus, esperavam por um messias. Havia diferenças na ideia de como ele seria e o que faria. Os judeus misturavam, ao que o Antigo Testamento ensina, a visão de um Messias militarista e político, ficando essas as características mais alimentadas

em decorrência do grande anseio por libertação do povo dominador (gregos e posteriormente romanos). Os samaritanos chamavam o Messias de *Tabeb*, o profeta que viria restaurar e revelar as coisas que eram obscuras (4.25). Uma dessas coisas, certamente, era saber o local verdadeiro de adoração a Deus.

Os samaritanos aceitavam como Palavra de Deus apenas os cinco primeiros livros do Antigo Testamento (*Torah*), entendendo que depois de Moisés viria apenas o *Tabeb* para restaurar e revelar (com base em Dt 18). A mulher samaritana estava começando a reconhecer que Jesus era o Messias, o *Tabeb*. Sendo ele o Cristo, a adoração começaria a ser feita, a partir de então – ensinava ele –, em qualquer lugar, por sua mediação junto ao Pai.

B. “... em Espírito e em Verdade...”

A mulher samaritana parecia testar sua conclusão quanto a quem era o homem com quem falava. Quando ela lembrou que os pais adoravam no monte, estava se referindo ao fato de Abraão ter adorado a Deus sobre as montanhas do norte de Israel (Gn 12.6-8). O assunto era muito discutido com alegação de aprovação divina de ambas as partes. No entanto, os judeus adoravam em Jerusalém por orientação registrada em documentos de conteúdo inspirado por Deus, que os samaritanos não reconheciam como sendo de natureza divina (profetas e escritos).

Jesus disse, conseqüentemente, que os samaritanos adoravam o que não conheciam. Os judeus, diferentemente, adoravam o que conheciam. Em outras palavras, quem adorava corretamente, por se fundamentar na revelação, eram os judeus. Eles, ao contrário dos samaritanos, não

negavam toda a revelação posterior a Moisés. A revelação registrada ao longo dos séculos, e que era conhecida e recebida por eles, fazia com que adorassem o que conheciam.

Contudo, o que importava naquele momento era o que estava sendo estabelecido pelo Senhor. O local de adoração não seria mais no monte Gerizim, em Jerusalém ou em outro lugar específico. O local não era o mais importante e sim o meio pelo qual a adoração seria realizada. A adoração aconteceria por meio do Messias, pelo qual se adora em espírito e em verdade. Os que são nascidos do Espírito adoram espiritualmente. Quem adora no Espírito o faz de modo verdadeiro, pois evidentemente conhece a Verdade para a qual o Espírito o conduziu, que é o Senhor Jesus, o Cristo (Jo 14.6), único mediador diante do Pai (1Tm 2.5).

Isso significa que apenas os que reconhecem Jesus como o Cristo podem ser aceitos pelo Pai em adoração. A resposta (4.25) à declaração de Jesus mostra claramente que a mulher samaritana passou a entender com mais profundidade o que aconteceu, pois somente o Cristo diria tais coisas. Jesus resolveu uma contenda gerada pelo desconhecimento da revelação de Deus. O Mestre disse que os judeus estavam certos, mas que o importante era a adoração ser possível em todo lugar, por todos os que são mediados por ele, o Messias (o *Tabeb*). Jesus, portanto, se declara o Cristo (4.26) e o único por meio de quem se pode adorar o Pai, espiritual e verdadeiramente.

C. “Vinde comigo e vede...”

Os discípulos chegaram naquele momento e ficaram admirados com o fato

de Jesus conversar com uma mulher. Ela, no entanto, não perdeu tempo e correu até a cidade para anunciar a todos o que havia descoberto. Um homem judeu que parecia ser o Messias, pois a salvação vem dos judeus.

Aquela mulher não era bem vista. Depois de cinco maridos ela estava em concubinato com um sexto. Um motivo provável para estar fora da cidade pegando água sozinha ao meio-dia seria seu isolamento social. Mesmo assim, ela foi ouvida pelos moradores de Sicar e muitos foram até onde estava Jesus.

III. O MESSIAS: EVANGELIZAÇÃO SEM FRONTEIRAS (4.31-42)

Jesus partiu para a Galileia devido à perseguição dos judeus e não haveria nada mais confrontador do que João relatar o que Jesus disse para ele e os outros discípulos naquele momento. Samaritanos crendo e judeus (fariseus) perseguindo.

A. O campo está branquejando

O discípulos retornaram de Sicar e Jesus passou a dizer-lhes o que estava acontecendo. Eles insistiram com Jesus para que ele comesse, eles lhes disse que o alimento dele era fazer a vontade do Pai. Usando um provérbio que semeadores e ceifeiros conheciam bem, de que apenas depois de quatro meses poderia se esperar o fruto da sementeira; Jesus disse que os campos branquejavam e logo haveria a colheita.

O Mestre estava dizendo que a conversa com aquela mulher tinha sido uma sementeira e que a partir da sementeira os campos ficam brancos, até o ponto de serem colhidos, isto é, muitos samaritanos passariam a crer nele. Enquanto eles conversavam, a mulher divulgava a todos o que ouvira e muitos samaritanos se dirigiam até onde Jesus estava.

Jesus também disse algo que certamente nos deixaria intrigados (4.38), caso não soubéssemos o que aconteceu posteriormente e que foi relatado por Lucas, em Atos dos Apóstolos. Filipe foi evangelizar os samaritanos, como os apóstolos Pedro e João (At 8). Entre os samaritanos ocorreu grande ação do Espírito Santo. Muitos se converteram, em decorrência disso, e o diagnóstico de Lucas foi que ali se repetiu o que havia acontecido com os judeus (At 2). Não sabemos se foi especificamente na mesma cidade, mas os samaritanos surpreendentemente abraçam a fé em Jesus, como sendo o Cristo, e receberam o "o dom do Espírito".

B. O Salvador do mundo

Os samaritanos chegaram até onde Jesus estava. Pediram-lhe que permanecesse com eles. Aqui fica marcada a quebra da barreira das relações entre judeus e samaritanos (e qualquer outro povo), em decorrência do esclarecimento que Jesus deu e da solução que há somente nele. Em Jesus não há barreiras de separação por etnia, aparência, língua ou posição social. Jesus aceitou passar dois dias, junto com seus discípulos, entre os samaritanos, em uma comunhão jamais imaginável para um judeu. Os discípulos viram os campos branquejando e prontos para a colheita, que seria feita alguns anos depois desses acontecimentos. Mesmo naquele momento muitos creram. Ficou evidente a verdade de que Jesus é o Salvador do mundo e não somente dos judeus.

CONCLUSÃO

Jesus foi muito sincero e amoroso com a mulher samaritana. Ele lhe disse que dele flui a solução para as necessidades mais profundas dos pecadores, que ele é o

libertador da condição de escravidão em que vivem os pecadores e que ele é o único mediador entre Deus e os pecadores. Os verdadeiros e espirituais adoradores não esquecem, somente de Jesus flui a água da vida, a vida eterna. Somente Jesus faz pessoas de todos os povos serem aceitos por Deus como espirituais e verdadeiros adoradores.

APLICAÇÃO

Jesus rompeu as barreiras sociais e religiosas de sua época para ver se cumprir a Palavra do Senhor, ou seja, os pecadores estavam sendo chamados e muitos passaram a crer naquele que é o único que

pode fazê-los ter a vida eterna. Não se junte aos pecadores (Sl 1), pois Jesus não fez isso. No entanto, pregue a Palavra de Deus a todo pecador.

Deus havia escolhido Israel para ser nação santa, sacerdócio real, seu povo exclusivo, vitrine para as nações e não para ser um povo belicoso, separatista e rancoroso. Israel deveria ser luz no mundo, mas estava dividido por não entender realmente o que era ser filho de Abraão (Jo 8 e Rm 4). Por isso, se faz necessário reafirmar hoje que somente as Escrituras são nossa autoridade infalível e que a igreja precisa se voltar para as Escrituras e não para tradicionalismos ou modismos.

Para ler e meditar durante a semana

D – Êx 3.1-22 – O nome santo de Deus; **S** – Jo 4.1-30 – Jesus a fonte da vida;
T – Jo 10.1-18 – Jesus o bom Pastor; **Q** – 1Jo 5.20-21 – Jesus o verdadeiro Deus;
Q – Jo 12.44-50 – Jesus a luz para o mundo; **S** – Jo 1.1-14 – O verbo era Deus;
S – Jo 20.24-31 – Senhor meu e Deus meu!

INTRODUÇÃO

Ao ser chamado por Deus para libertar os hebreus do Egito, Moisés relutou. Primeiro, com o seu senso de inadequação; depois, com o possível questionamento do povo sobre sua autoridade (Êx 3.11-15). Imediatamente o Senhor confrontou essas relutâncias. Primeiro, declarou a Moisés que o acompanharia. Em seguida, disse: “EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirá aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros” (Êx 3.14). Com isso Deus estava se revelando a Moisés de modo glorioso e distinto. A expressão “EU SOU” é a tradução do nome *Yahweh* no hebraico. No Antigo Testamento, a tradução Almeida Revista e Atualizada da Bíblia (SBB) apresenta esse nome impresso como “SENHOR” (com letras maiúsculas), desse modo formatado para distinguir-se de “Senhor”, usado em outros casos. Esse nome aponta para a eternidade, imutabilidade e fidelidade pactual de Deus.

Ao analisarmos o Evangelho de João, encontramos uma série de 23 afirmações “Eu Sou” proferidas por Jesus (4.26; 6.20,35,41,48,51; 8.12,18,24,28,58; 10.7,9,11,14; 11.25; 13.19; 14.6; 15.1,5; 18.5-6,8). Ao identificar-se como o “Eu Sou”, Cristo revela possuir a mes-

ma natureza de Deus Pai. Vejamos cinco dessas afirmações nas quais ele relaciona a expressão “Eu Sou” com metáforas que expressam seu relacionamento redentor para com o mundo.

I. JESUS, O PÃO DA VIDA (Jo 6.22-58)**A. A busca equivocada (v. 22-26)**

Após a multiplicação dos pães e peixes Jesus deixou a multidão (Jo 6.1-15), mas todos resolveram procurá-lo. A motivação do povo, porém, era equivocada. Queriam Jesus apenas por causa da comida (Jo 6.26). Não o reconheciam como o Messias, o Filho de Deus. Foi nesse contexto que Jesus disse: “Eu sou o pão da vida” (v. 35).

B. O verdadeiro maná (v. 27-34)

Jesus confrontou a multidão (Jo 6.27) exortando-a a vê-lo como o doador da vida eterna (v. 29). Contudo, o povo não o compreendeu e lhe pediu mais sinais, e que fossem mais espetaculares do que os realizados por Moisés (v. 30-31; cf. Sl 78.24; Êx 16.4). Então, Jesus esclarece e mostra à multidão o quanto ela dava atenção excessiva aos agentes de Deus na História – nesse caso Moisés –, e pouca atenção ao próprio Deus (Jo 6.32). Moisés havia sido apenas o instrumento; Deus era de fato o

verdadeiro doador do maná. Além disso, o pão que Deus proveu por meio de Moisés não era o verdadeiro pão do céu, era imperfeito, estragava com o tempo. Jesus era o genuíno pão do céu que estava bem diante deles (v. 34).

C. O pão da vida (v. 35-48)

“... o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo” (Jo 6.33). Jesus é esse pão. Ele é o único que pode dar e sustentar a vida espiritual e eterna. Aquele que se alimenta de Cristo é plenamente saciado, jamais terá fome ou sede (v. 35). Quem for até Cristo, pela fé, tem a vida eterna e será ressuscitado no último dia (v. 40).

Endurecida pela incredulidade, a multidão murmura contra Jesus (v. 43-46), mas o Mestre não se intimida e, numa clara demonstração de sua longanimidade e graça, reitera suas palavras: “Eu sou o pão da vida” (v. 48). “Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne” (v. 51). Jesus deixa claro que somente por seu intermédio o homem pode receber a vida eterna.

II. JESUS, A LUZ DO MUNDO (Jo 8.12)

“Eu sou a luz do mundo”. Essa declaração foi proferida por Jesus no contexto da Festa dos Tabernáculos. Nessa festa, luzes eram acesas para lembrar a grande coluna de fogo que guiou o povo no deserto (Êx 13.21-22; 14.19-25). Tanto no Antigo como no Novo Testamento encontramos inúmeras passagens que apontam para Deus como luz (Sl 27.1; Is 60.19-22; Ez 1.4,13,26-28; 1Jo 1.5; Ap 21.23-24). Agora, Cristo se autodenomina

a luz do mundo, revelando sua *natureza divina e obra redentora*. Não foi à toa que os fariseus logo se opuseram (Jo 8.13), mas muitos creram nele (v. 30).

A. A luz que guia (v. 12)

O pecado conduziu o homem ao império das trevas, tornando-o incapaz de enxergar o caminho de Deus. Não há alternativa para voltar ao Criador senão mediante Cristo. É nesse sentido que o Senhor se revela como a luz do mundo, isto é, a luz que guia para a vida.

A grande coluna de fogo alumia e aquecia o povo no deserto, para que caminhassem tranquilamente (Êx 13.21). Essa compreensão esclarece as palavras de Jesus no contexto da Festa dos Tabernáculos. Assim como a coluna de fogo apontava o caminho, iluminando o povo, Jesus é “a luz da vida” que guia todo aquele que nele confia, obedece e segue os seus mandamentos. Quando essa luz resplandece, as trevas não prevalecem contra ela (Jo 1.5; 12.36,46).

B. A luz que liberta (v. 32)

Além de conduzir o homem às trevas, o pecado também o escraviza (Jo 8.34). Contudo, o conhecimento da verdade pela graça divina gera libertação (v. 32). Tal conhecimento se dá pelo evangelho de Cristo que Deus faz resplandecer no coração do homem pecador (2Co 4.6).

Um dos sinônimos de luz para o evangelista João é *verdade* (1Jo 2.8-10). Dessa maneira, sendo Cristo a verdade (Jo 14.6), ele mesmo é a luz que dissipa as trevas e traz libertação da escravidão e da ignorância gerada pelo pecado (v. 36).

III. A RESSURREIÇÃO E A VIDA (Jo 11.25)

“Eu sou a ressurreição e a vida”, disse Jesus. Essa afirmação foi proferida na casa de Marta e Maria, por ocasião da morte de seu irmão Lázaro.

A. Jesus é a ressurreição (v. 25)

Jesus havia sido informado da enfermidade mortal que sobreveio a Lázaro, mas demorou a se dirigir para lá (v. 1-3). Ao chegar a Betânia, Jesus declarou à Marta que Lázaro seria ressuscitado. Sem hesitar, ela externou sua confiança na ressurreição, mas referindo-se à do último dia (v. 23-24). Contudo, Jesus não apontava apenas para uma ressurreição futura, ele estava falando de uma ressurreição imediata.

Não havia novidade nas palavras de Jesus, pois ele mesmo já havia se apresentado como aquele que tem poder para ressuscitar os mortos (Jo 5.21,25-29; 6.39-40). Sem Cristo não há ressurreição, nem vida. Aqueles que creem em Jesus estão assegurados de que, mesmo morrendo fisicamente, serão por ele ressuscitados.

O milagre concedido a Lázaro não somente apontou para o último dia, mas revelou Jesus como o enviado de Deus (v. 15,42).

B. Jesus é a vida (v. 25)

Ressurreição e vida estão interligadas, uma complementa a outra. Quando o Senhor assevera que é a vida, ele está se referindo a vida salvadora, a vida eterna (Jo 1.3-4; 3.16): “Todo o que vive, e crê em mim, não morrerá, eternamente” (v. 26). Aquele que recebe a Cristo e permanece crendo, jamais experimentará a morte eterna. Em outras palavras, aquele que crê

em Cristo já ressuscitou espiritualmente e, ainda que passe pela morte física, nunca morrerá eternamente.

IV. JESUS, O CAMINHO A VERDADE E A VIDA (Jo 14.6)

A. Eu sou o caminho

Lucas registra por meio do cântico de Zacarias que Jesus dirigirá “os nossos pés pelo caminho da paz” (Lc 1.79). Marcos afirma que Jesus ensina o caminho de Deus (Mc 12.14). O autor da Carta aos Hebreus revela que Cristo nos consagrou um novo e vivo caminho (Hb 10.20). Tudo isso só é possível porque ele é *o* caminho (Jo 14.6), não *um* caminho, ou simplesmente *o apontador do* caminho.

O pronome “eu” em João 14.6 enfatiza que o caminho não é uma ideia, força ou qualquer outra coisa, mas uma pessoa. Jesus é o único caminho que nos dá acesso ao Pai (Jo 14.6; Rm 5.1-2), pois só ele é “a propiciação pelos nossos pecados” (1Jo 2.2).

Jesus é tanto o caminho que liga Deus ao homem (Mt 11.27-28), como o caminho que leva o homem a Deus. Sem ele é impossível nos achegarmos ao Pai.

B. Eu sou a verdade

Jesus é a verdade pela qual revela plenamente o Pai. Ele mesmo é a explicação do Pai (Jo 1.17-18). Jesus é a verdade que está em oposição a tudo que é falso e mentiroso. Ele não é *uma* verdade, nem fala sobre *uma* verdade, mas é essencialmente *a verdade personificada*. Essa verdade não é “apenas aquilo que está de acordo com a realidade, mas também o que é completo e perfeito, em contraste com as coisas que começam e ficam incompletas” (*Bíblia de Estudo de Genebra*).

C. *Eu sou a vida*

O terceiro substantivo demonstra que Jesus é o caminho para o Pai, porque ele é “a vida”. Vida aqui não tem o sentido de fôlego ou espírito que anima nosso corpo. Está em oposição à morte, é a vida sobrenatural, um dom recebido de Deus (Rm 6.23; 1Jo 5.11). Jesus é aquele que tem “vida em si mesmo” (Jo 5.26), é a “ressurreição e a vida” (11.25), “o verdadeiro Deus e a vida eterna” (1Jo 5.20), “a luz da vida” (Jo 8.12). Somente Cristo tem “as palavras da vida eterna” (6.68) e veio para que tenhamos vida em abundância (10.10). É por isso que Jesus pode categoricamente afirmar “eu sou... a vida”. Ele é a fonte e o doador da vida que nos conduz para o Pai (v. 6), para as muitas moradas que estão sendo preparadas (14.1-2).

V. JESUS, A VIDEIRA VERDADEIRA (Jo 15.1,5)

Essa é a última de uma série de sete afirmações “eu sou”. Nessa ocasião Jesus não faz um convite para crer, mas para “permanecer”; ele não se dirige a pessoas distantes, mas àquelas que estão próximas, ligadas à videira.

A. *Jesus a videira verdadeira (v. 1,5)*

Jesus faz uso de uma imagem muito conhecida pelo judeu: a videira. Em muitas passagens do Antigo Testamento, Israel é mencionado como uma vinha (Sl 80.9-16; Is 5.1-7; 27.2; Jr 2.21; 12.10; Ez 15.1-8; 17.1-21; 19.10-14; Os 10.1-2). Mas Jesus não se compara a qualquer videira, ele se identifica como a “videira verdadeira”, a videira genuína. Israel fracassou porque não produziu bons frutos. Em contraste com isso, Jesus é aquele que produziu bom fruto, isto é, cumpriu ple-

namente a vontade do Pai – ele foi obediente até a morte (Fp 2.8).

B. *Os discípulos são os ramos (v. 5)*

A imagem não somente apresenta o Senhor como a videira genuína, mas também aponta para os crentes como sendo os ramos. Com essa imagem, Jesus descreve a relação que mantém com os seus discípulos. Note como João enfatiza a nossa ligação com o Mestre repetindo a palavra “permanecer” 11 vezes. Todo ramo que permanece em Cristo, e Cristo nele, produz muito fruto (Jo 15.4-5). À parte da videira não há possibilidade de vida, nem de fertilidade. A seiva que corre no caule é fonte de vida e poder para os ramos. Cristo é a fonte de vida e poder para o crente, que precisa estar ligado a ele. Sem Jesus o crente não tem poder para fazer absolutamente nada.

O que significa *dar frutos*? Significa uma vida de oração (v. 7), obediência aos mandamentos (v. 10,12,14), amor ao próximo (v. 10,17) e testemunho do nome de Cristo (v. 16-27).

C. *O Pai, o agricultor (v. 1-2)*

Jesus é a videira verdadeira, nós os ramos, e Deus Pai é o agricultor. A atividade do agricultor celestial é dupla.

Todo ramo que está em Cristo e dá frutos ele poda, “para que produza mais fruto ainda”. Esse procedimento revela o caráter amoroso e disciplinador do Pai. É possível que a ideia de Hebreus 12.4-11 seja essa; o Senhor disciplina o filho a quem ama, e isso para que se torne participante de sua santidade (Hb. 12.10).

O ramo improdutivo é cortado e lançado no fogo para ser queimado. Esse tipo de ramo não tem frutos em si mesmo e

nunca produziu nada. É semelhante a Judas Iscariotes (Jo 6.70-71; 13.10) e outros que tiveram algum grau de ligação com Jesus, mas testemunharam que a vida transformadora de Jesus nunca esteve presente neles (Mt 13.18-23; 24.12; Jo 8.31; Hb. 3.14-19; 1Jo 2.19; 2Jo 9). Para os improdutivos, resta o fogo eterno.

João 15 mostra que não há verdadeiros cristãos sem uma vida frutífera. Frutificar é uma marca indelével do verdadeiro discípulo de Jesus. O verdadeiro cristão é preservado até o fim (Jo 6.37-40; 10.28), e é justamente por estar ligado a Cristo que ele produzirá frutos, não por si mesmo, mas porque é ramo da videira.

CONCLUSÃO

O Senhor Jesus se revela como o próprio SENHOR. Ele e o Pai são um; um em essência, poder e glória. Jesus é o único capaz de satisfazer todas as nossas ne-

cessidades, dissipar as trevas que nos rodeiam, nos guiar em nossa jornada de volta para casa (o paraíso, novos céus e nova terra). Somente Jesus é a garantia da ressurreição para a vida eterna e o único caminho para o Pai. Ele é a única verdade a ser crida e a única vida a ser vivida. Sem Cristo nada somos, nem podemos fazer coisa alguma.

APLICAÇÃO

Onde está sua fonte de satisfação? Nas coisas materiais ou em Cristo? Será que você tem seguido verdadeiramente a luz divina? Sua fé está alicerçada na pessoa e obra do Redentor? A morte gera em você desespero ou você descansa naquele que é a ressurreição e a vida? Creia firmemente em Jesus como o único mediador entre você e Deus Pai. Somente ele é capaz de fazer com que você seja produtivo para a glória de Deus (Jo 15.8).

6

SINAIS E SEUS SIGNIFICADOS

João 4.46-54; 5.1-17; 6.15-21

Para ler e meditar durante a semana

D – Jo 1.1-14 – Jesus, o Logos; **S** – Jo 1.29-31 – Jesus, o Cordeiro de Deus;

T – Jo 1.32-34 – Jesus, o Filho de Deus; **Q** – Jo 1.35-42 – Jesus, o Messias;

Q – Jo 1.43-45 – Jesus, o Prometido; **S** – Jo 1.46-51 – Jesus, o Rei de Israel;

S – Jo 4.39-42 – Jesus, o Salvador do mundo

INTRODUÇÃO

Alguns evangélicos pervertem o entendimento bíblico com relação aos milagres, utilizando-os como iscas para fisgar seguidores, buscando poder e lucro. Essa prática leva muitos a valer-se da fé somente para adquirir benefícios, para fins próprios. Isso gera uma cultura de interesse pelos milagres de Deus, e não pelo Deus dos milagres; pelas bênçãos de Deus, em vez do Deus das bênçãos. Diante dessa visão distorcida, é necessário voltarmos nossos olhos para a Palavra de Deus e, a partir destes estudos no Evangelho de João, entendermos o significado dos milagres de Jesus.

I. SIGNIFICADO E PROPÓSITO DOS SINAIS

A. Significado

O *Dicionário Michaelis*, de modo simples, define milagre como: "(1) Fato que se atribui a uma causa sobrenatural. (2) Algo de difícil e insólito, que ultrapassa o poder da natureza e a previsão dos espectadores. (3) Coisa admirável pela sua grandeza ou perfeição; maravilha. (4) Fato que, pela raridade, causa grande admiração. (5) Intervenção sobrenatural. (6) Efeito cuja causa escapa à razão humana."

Para compreendermos os milagres que Jesus realizou, particularmente os

registrados no Evangelho de João, é necessário ampliar essa definição e entender que milagres são "sinais", isto é, devem ser vistos como um símbolo de uma verdade espiritual. Os milagres não têm um fim em si mesmos, eles apontam para uma realidade que está além deles, para algo mais importante.

Nos Evangelhos, de modo geral, há diversas referências aos milagres de Jesus. No entanto, os encontrados no Evangelho de João foram registrados por ele com outro objetivo. Nos evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas), os milagres são "atos de poder" (*dunameis*), que inauguram e manifestam o reino de Deus. Por meio deles o poder do Rei dos reis é ressaltado. No Evangelho de João, duas palavras são utilizadas referindo-se aos milagres: "sinais" (*semeia*) e "obras" (*erga*) (Jo 5.36; 7.21; 10.25,32,38). Para o evangelista João, os milagres "autenticam a pessoa e a missão de Jesus e demonstram a presença operadora dos milagres de Deus em suas palavras e atos".¹

B. Propósito

A chave para a interpretação dos milagres como sinais é João 20.30-31: "... fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste

¹ George E. Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, p. 257.

livro. Estes, porém, foram registrados para que *creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus*, e para que, crendo, *tenhais vida em seu nome*” (Jo 20.30-31).

O registro dos eventos miraculosos selecionados por João objetiva o reconhecimento de *Jesus como Deus*, “o Filho de Deus”, e *como Messias*, “o Cristo”.

Esse objetivo é claramente evangelístico. Os seus destinatários devem crer em Jesus Cristo, uma vez que tomaram conhecimento dos seus feitos extraordinários, provas incontestáveis e manifestações da sua divindade. Além disso, o evangelho foi e é utilizado também como um meio de instrução e edificação para aqueles que já reconheceram Jesus como o Senhor e Salvador. Como resultado, os que creem em Jesus como Deus e Cristo têm “vida em seu nome”. Como João já testificou, “quem crê no Filho tem a vida eterna” (Jo 3.36).

II. A DIVINDADE DE JESUS: DECLARADA E RECONHECIDA

Como vimos nas lições anteriores, desde o prólogo, ora a divindade, ora a messianidade de Jesus, ou ambas, são ressaltadas. No primeiro capítulo, Jesus é o Verbo, que estava com Deus desde o princípio e, por meio dele, o mundo veio à existência. João ressalta que o Verbo se fez carne, isto é, Deus tomou forma humana (Jo 1.14).

Em João 1 vemos também o reconhecimento que João Batista faz de Jesus como: **Deus**: “... eu, de fato, vi e tenho testificado que ele é o Filho de Deus” (Jo 1.34); e **Messias prometido**: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo! (Jo 1.29; 1.35). João Batista reconhece que Jesus é o cumprimento das promessas de redenção anunciadas no

Antigo Testamento. Ele interpreta a presença de Jesus como o cumprimento de Isaías: “Ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos” (Is 53.10).

No final do capítulo 1, temos a narrativa sobre dois discípulos de João Batista que seguiram Jesus após ouvirem o testemunho e reconhecimento do próprio João, com respeito a sua pessoa (Jo 1.35-36). A certa altura da caminhada, Jesus os inquire sobre quais seriam suas reais intenções, por quais razões eles o seguiam. Eles respondem ao Mestre, evidenciando o desejo de desfrutar da companhia de Jesus. Eles permaneceram com Jesus até a hora décima (16h) (Jo 1.39). Após isso, André, que era “um dos dois que tinham ouvido o testemunho de João e seguido Jesus” (Jo 1.40), anunciou ao seu irmão que havia encontrado o Messias, que quer dizer Cristo (Jo 1.41). Note que André reconhece *Jesus como o Messias* prometido pelo Antigo Testamento.

No dia seguinte, Jesus parte para a Galileia e encontra Filipe, o qual reconhece que Jesus é aquele testemunhado pela lei e pelos profetas: “Filipe encontrou a Natanael e disse-lhe: Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, Filho de José”. Da mesma maneira, Natanael exclamou: “Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel” (Jo 1.49).

Estes relatos testemunham que Jesus é reconhecido como o Verbo encarnado, o Cordeiro de Deus, o Filho de Deus, o Messias, o Prometido, o Rei de Israel.

III. A DIVINDADE DE JESUS É MANIFESTADA

A. A cura do filho de um oficial (Jo 4.46-54)

Para atestar sua divindade, Jesus realizou obras que estão além da capacidade humana. Ele fez inúmeros sinais e milagres.

O primeiro sinal foi a transformação da água em vinho, em um casamento na cidade de Caná da Galileia (2.1-11). O segundo sinal, também ocorrido na Galileia, foi a cura do filho de um oficial (Jo 4.46-54). Aquela era uma situação, humanamente falando, sem solução. O filho do oficial estava acometido por uma enfermidade terminal. O oficial vai ao encontro de Jesus e lhe roga que vá até seu filho e o cure. Jesus responde ao oficial com palavras de advertência: “Se... não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum creereis” (Jo 4.48). Qual é a razão dessa advertência? Com sua atitude o oficial demonstra que a sua procura por Jesus é instrumental. Ele não está procurando Jesus, o Messias, mas está à procura de solução para suas demandas pessoais, o problema de saúde de seu filho.

Entre os diferentes tipos de “fé” narrados por João, temos a “fé superficial”, que é a confiança daqueles que supervalorizam os sinais, mas não consideravam a realidade que eles sinalizam Cristo. Jesus já havia constatado esse tipo de fé dentre os judeus, em Jerusalém (Jo 2.23-25).

João quer mostrar aos seus destinatários que há outro tipo de fé que poderia ser chamado de “fé verdadeira”, aquela que pressupõe um entendimento melhor da real necessidade humana e da missão de Jesus. De maneira mais profunda, o ser humano necessita entender

que suas necessidades espirituais são superiores às materiais.

O oficial roga a Jesus: “Senhor, desce, antes que meu filho morra” (4.49). O Mestre, então, compadecido dele simplesmente diz: “Vai... teu filho vive” (v. 50). Credo nas palavras de Jesus, aquele homem retorna para sua casa e testifica a veracidade e o poder das palavras de Jesus, pois seu filho vivia. O propósito desse milagre foi demonstrar o poder de Jesus para conceder a vida. João torna isso ainda mais claro no discurso seguinte, ao descrever que Cristo veio ao mundo para conceder vida (Jo 5.21).

Enquanto muitos vinham a Jesus apenas para solucionar seus problemas desta vida, João diz que Jesus oferecia muito mais aos que nele creem: a vida eterna (Jo 5.24). A multidão que o ouvia deveria reconhecer que Jesus é o Cristo e buscá-lo, não para resolver seus problemas do presente, mas para obter a vida eterna, pois foi para isso que o Pai enviou o Filho.

A missão de Jesus é conceder vida aos que nele creem, reconciliando-os com o Pai. Esses não serão objeto da condenação do Pai, porque foram alvos da graça e, credo, desfrutarão da ressurreição da vida e não da ressurreição para juízo (Jo 5.29).

B. A cura de um paralítico no poço de Betesda (Jo 5.1-17)

A cura aconteceu na cidade de Jerusalém, durante uma festividade judaica não identificada. Ali havia um tanque, junto a uma das portas da cidade, chamado Betesda, cercado por cinco colunas. Em torno dele, uma multidão de enfermos, cegos, coxos e paralíticos aguardava a possibilidade da cura (Jo 5.3-4).

Havia um momento específico do dia em que um anjo agitava as águas do tanque e o primeiro enfermo que entrasse no tanque, naquele momento, seria curado. A situação é desesperadora, inúmeras pessoas se digladiando pela oportunidade de resolver o que imaginavam ser o maior de todos os problemas de suas vidas.

Nessa situação, um homem enfermo há 38 anos desejava sua cura, no entanto, a multidão o sufocava, pois provavelmente era coxo e estava deitado. Na prática, não havia a mínima possibilidade de ele ser curado, pois, com a sua locomoção limitada, o homem era incapaz de vencer a concorrência e ninguém o colocava no tanque.

Jesus vai ao seu encontro e pergunta: “Queres ser curado?”. Todos colocavam a esperança no tanque, bem como aquele homem. Mas Jesus vai a ele e mostra que sua esperança não deveria estar no tanque de Betesda, mas nele, Jesus, a única esperança.

Após curá-lo, Jesus mostrou para aquele homem que o seu problema era mais profundo do que ele próprio imaginava. O seu real problema era de fato o pecado, que sempre gera terríveis consequências: “Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior” (Jo 5.14). Com a cura do paralítico, João quer mostrar aos seus destinatários que Jesus é Deus e, assim, ele é a única solução para o maior problema humano, o do relacionamento quebrado entre o homem e Deus. O pecado cometido é contra Deus e ele nada deixará impune, certamente manifestará a sua santa justiça. O discurso posterior de Jesus (Jo 5.19-47) nos ensina que Jesus é juiz, o Filho tem autoridade de decidir sobre a vida e a morte (Jo 5.25-30).

Assim, os dois sinais que vimos apontam para a pessoa e obra de Jesus, eles mostram a sua divindade: Jesus, o Filho de Deus; eles apontam para a sua graça (Jo 5.21) e justiça: Jesus, o Messias prometido (5.22).

C. Jesus anda sobre as águas e acalma uma tempestade

Em João 6.15-21 lemos sobre a multiplicação dos pães e peixes. Após esse milagre, Jesus se retira para um lugar reservado, um monte, para se libertar da pressão da multidão que desejava proclamá-lo rei (Jo 6.16).

Enquanto isso, os discípulos de Jesus desceram até o mar e tomaram um barco rumo a Cafarnaum. Durante o deslocamento, começa a escurecer, os ventos passam a soprar com força e o mar se agita. Naquela situação delicada, bem no meio do mar, distantes cerca de 4,5 a 5,5 km da costa, os discípulos avistam Jesus andando sobre as águas, em direção ao barco. Em um primeiro momento, os discípulos são tomados de temor, mas após as palavras de Jesus, “Sou eu. Não temais!” (Jo 6.20), eles se acalmam.

João registra dois milagres, sendo que o segundo é consequência do primeiro. No primeiro deles, Jesus anda por sobre as águas (Jo 6.19) e, no segundo, o barco chega ao seu destino (6.21). Em Marcos 6.45-52, Jesus toma o controle daquela situação incontrolável e acaba com a tempestade. O evangelista está relatando o poder de Jesus. O Salvador está além das leis da realidade, ele anda por sobre as águas e possui o controle sobre os elementos da natureza. Ele é o Senhor da criação, ele é Deus.

CONCLUSÃO

É comum percebermos a inversão de sentido na realização atual de milagres, o que nos leva a concluir que muito do que acontece é falso.

Falsos milagres buscam satisfazer necessidades humanas. Almeja-se a solução de problemas pessoais, enfermidades, questões financeiras, etc. Eles colocam em evidência pessoas, o suposto poder de homens, ao invés do poder de Deus. Os falsos milagres roubam a glória de Deus porque transferem a glória devida ao seu nome para a criatura.

Falsos milagres criam falsas esperanças. Eles colocam a esperança do homem no transitório, no que logo se esvai. Sabemos que Jesus é a única esperança que não é passageira.

APLICAÇÃO

Sua maior necessidade não é a resolução de problemas imediatos, mas o restabelecimento de sua relação com Deus. Confie na obra que Jesus realizou por você, pois somente por meio dele você pode receber a vida eterna. Além disso, faça de Cristo o seu porto seguro e procure caminhar ao lado dele, em obediência e amor.

Para ler e meditar durante a semana

- D** – Lv 23 – As festas de Israel; **S** – Mt 10 – Estímulos para os seguidores de Cristo;
T – Rm 3 – A condição do coração pecador; **Q** – Jo 7 – Jesus na Festa dos Tabernáculos;
Q – Jo 1.1-31 – O propósito da vinda de Jesus; **S** – Jo 10.1-18 – A vida abundante em Jesus;
S – Ez 11.14-25 – A conversão do coração

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo cheio de incredulidade e oposição à verdade de Deus. Apesar de as pessoas declararem crer na existência de Deus, encontramos muita incredulidade no trabalho, nas universidades, na mídia, na política e nas instituições. No entanto, o ser humano tem o senso da existência de Deus não só a partir da sua consciência, mas também por aquilo que Deus lhe revela por meio da maravilhosa obra da criação. Ele não vive numa caverna escura como declarou Schaeffer. Ele está em condições de observar a criação em todo seu redor e certamente sentirá a necessidade de se perguntar de onde veio tudo isso. Ainda assim, a humanidade preferiu acreditar na enorme mentira do que a crer na realidade de que existe um Deus (*A obra consumada de Cristo*, Francis Schaeffer, Editora Cultura Cristã).

Paradoxalmente, até mesmo no ambiente religioso encontramos os vestígios da incredulidade. É estranho pensar em alguém que é religioso e ao mesmo tempo incrédulo, mas é exatamente isso que acontece. Pessoas são religiosas, frequentam templos, fazem orações, mas ainda não se converteram verdadeiramente. Reconhecem a existência divina, mas não reconhecem a Cristo nem se submetem ao seu senhorio.

O texto que estudaremos nesta lição, trata desse tema sempre presente: a incredulidade. Incredulidade que nos ataca, desanima, confronta e desafia. Veremos a incredulidade das pessoas que viveram bem perto de Jesus, em sua casa, no templo, entre os principais religiosos e também entre o povo.

Esperamos que este estudo sobre a incredulidade dos judeus em relação a Jesus e a forma como Jesus lidou com tudo isso, sirva de encorajamento para você também lidar com esse tema. Ao olharmos para Jesus, o Filho de Deus, somos desafiados a prosseguir firmes na esperança de que Deus está conosco e é verdadeiro, ainda que as pessoas ao nosso redor não creiam.

I. DESACREDITADO NA PRÓPRIA CASA

O contexto em que João narra a incredulidade acerca de Jesus é o período próximo à Festa dos Tabernáculos (7.2). A oposição contra Cristo já havia se manifestado em alguns momentos e aqui é registrado “como ódio intensificado, como uma aversão latente por Cristo irrompendo num inferno incandescente” (*João – Estudos bíblicos de John MacArthur*, Editora Cultura Cristã). A intenção de matarem Jesus (7.1) não havia se concretizado ainda porque “não havia chegado a sua hora”,

expressão que se repete inúmeras vezes em João e que revela que Deus está no controle de todos os acontecimentos históricos; por isso mesmo, a morte expiatória de Jesus aconteceria no momento certo, por vontade de Deus.

Os eventos narrados nesse capítulo acontecem em três momentos diferentes. Primeiro na Galileia, com Jesus e seus irmãos (7.1-9), depois durante a Festa dos Tabernáculos, em Jerusalém (7.10-36), e, finalmente, no último dia da festa (7.37-52). Vale ressaltar que os episódios narrados no capítulo seguinte acontecem ainda nesse mesmo contexto da Festa, porém não iremos abordá-los nesta lição.

O que é dito nos versos 3-9 acontece no contexto familiar de Jesus. Seus irmãos o aconselharam a se manifestar ao mundo (7.4). Tudo indica que eles sabiam que Jesus já havia operado milagres (possivelmente até mesmo os presenciaram) e que era um líder religioso. Apesar disso, o conselho não era fruto de um entendimento espiritual de quem era Jesus, mas de uma postura carnal, de quem acha o que é certo por sua própria sabedoria ou capacidade. A ação deles é descrita como um ato de incredulidade (7.7); pois como pedem para Jesus se manifestar ao mundo quando nem eles mesmos creem nele?

Aqui se repete o que já havia acontecido em Caná da Galileia (Jo 2.4), onde vemos Jesus respondendo que o “tempo” certo de sua manifestação ainda não havia chegado. J. Ramsey Michaels assegura que o “tempo de Jesus refere-se à manifestação final de sua glória, quando o Senhor for crucificado e quando ressurgir dentre os mortos em Jerusalém (cf. 12.23; 13.1)” – (*João – Novo Comentário Bíblico Contemporâneo, Vida*).

Destaque-se a esta altura que Jesus teve de lidar com a incredulidade bem perto dele, em sua própria casa, entre seus próprios irmãos.

II. DESACREDITADO ENTRE SEU PRÓPRIO POVO

No tempo certo, Jesus resolveu ir à Festa em Jerusalém. Os versos 10-36 relatam como ele foi recebido ali. O verso 10 faz a transição do cenário de Jesus na Galileia com seus irmãos e o cenário de Jesus em Jerusalém durante a festa. Sua chegada não foi pública, pois ainda não havia chegado o momento de ele se revelar.

As pessoas estavam divididas quanto a Jesus, havendo favoráveis e contrários a ele. Embora houvesse murmuração, ninguém ousava falar favoravelmente dele em público, por medo dos judeus (v. 11-13). A incredulidade era mais livremente expressada. Finalmente Jesus resolveu se manifestar no meio da festa (7.14), e passou a ensinar as pessoas no templo. Seu ensino causou admiração (7.15), mas não conversão, pois assim que Jesus confrontou seus ouvintes (7.16-19) eles o consideraram um endemoninhado (7.20).

Ele continuou seu discurso, revelando a incredulidade e incoerência do pensamento dos seus ouvintes, convidando-os a julgarem não segundo a aparência, mas pela reta justiça (7.24). Jesus queria ensinar que o julgamento deve ser feito para apurar verdadeiramente os fatos. Quando temos a atitude de discernir o erro, não podemos agir injustamente, mas sim no intuito de estabelecer a verdade de Deus (*A união das naturezas do Redentor*, Heber Carlos de Campos, Editora Cultura Cristã).

Observando Jesus de longe, havia um grupo que também permaneceu incrédulo diante do que ouvia, entendendo que Jesus não era o Cristo (7.25-27). Mathew Henry declara que “Cristo proclamou em alta voz, que estavam equivocados em seus pensamentos quanto a sua origem. Ele foi enviado por Deus, porque demonstrou as promessas de Deus de modo fiel. Essa declaração de que eles não conheciam a Deus, com a pretensão de ter um conhecimento peculiar, provocou os ouvintes; eles procuraram detê-lo, mas Deus pode atar as mãos dos homens, mesmo que não converta os seus corações” (*Comentário Bíblico de Mathew Henry*, CPAD).

Mesmo cercado de incredulidade, Jesus prosseguiu em sua missão ensinando ao povo. Todavia, as suas palavras (7.28-29) foram recebidas com mais hostilidade e descrença, havendo inclusive quem o quisesse prender (7.30a), o que não aconteceu porque Deus não permitiu que tocassem nele antes do tempo devido (7.30b). Mas os fariseus e principais sacerdotes chegaram a enviar guardas para prender Jesus (7.32).

Note que em nenhum momento vemos o Mestre amedrontado ou desiludido em sua missão. Pelo contrário, permanece firme em seu propósito, certo de que o seu chamado e a sua obra seriam consumados no tempo determinado, conforme o desígnio de Deus.

III. DESACREDITADO POR MUITOS, CRIDO POR ALGUNS

Na contramão de tudo que foi dito até aqui: a incredulidade dos irmãos de Jesus (7.1-9), a incredulidade dos judeus (7.11), o povo observando sem acreditar

(7.25-27), e outros descrentes irados querendo prendê-lo (7.30); o texto no verso 31 declara: “... muitos de entre a multidão creram nele” (7.31). Em meio a tanta incredulidade houve um grupo que creu que Jesus era o Cristo, o Messias prometido. Em meio a tantas demonstrações de incredulidade, houve a manifestação da graça de Deus, fazendo com que fosse salvo um grupo dentre tantos incrédulos.

A parte final do texto registra os acontecimentos no último dia da Festa (7.38-53). Novamente vemos a incredulidade dos judeus e dos principais sacerdotes (7.42-52). Porém, em meio à incredulidade, temos os que reconhecem Jesus como o Filho de Deus, o Messias prometido. Há quem creia nele dentre o povo (7.40-41), entre os guardas (7.46) e até mesmo entre as autoridades (7.50-51).

De fato, o que Jesus havia declarado no último dia da Festa foi recebido em vários corações, os quais aprovou a Deus abrir, para que entendessem o significado maior da Festa dos Tabernáculos e para quem ela apontava.

Naquele último dia, Jesus declarou: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva” (7.37-38). Tal declaração refere-se ao Espírito Santo, que ainda não havia sido dado, porque o momento de sua glorificação ainda não tinha chegado (7.39). Contudo, mostra que a ação do Espírito consiste em converter os incrédulos apontando para a obra de Cristo (cf. *The Gospel of John*, Herman N. Ridderbos, Eerdmans).

Como declarou Michaels, “a ênfase está na generosa abundância de vida e do

poder do Espírito Santo no coração do crente, à feição de uma fonte que transborda e não cessa de jorrar. A fonte de água é Jesus, porque só ele pode dizer: Se alguém tem sede, venha a mim e beba”.

Fazia parte da cerimônia derramar água de um jarro de ouro no lado oriental do altar, durante os sete dias da Festa, como reconhecimento da bondade de Deus em enviar chuva e garantir um suprimento abundante para o período (*João – Introdução e Comentário*. F.F. Bruce, Vida Nova). Porém, ao que tudo indica, no oitavo dia da santa convocação (Lv 23.36), no lugar da água material derramada, Jesus proclamou ser a água espiritual, vivificante, à disposição de todos que quisessem receber dele.

Jesus é apresentado no Evangelho de João como aquele que habitou entre nós (Jo 1.14), e que nos dá vida abundante (Jo 10.10). A cerimônia da Festa dos Tabernáculos apontava para Cristo e foi nele cumprida, trazendo esperança e vida a todo aquele que nele crê.

CONCLUSÃO

Encontramos em João 7 o deserto árido da incredulidade presente desde a família de Jesus até os principais religiosos, ou seja, naqueles de quem menos se esperaria. Mas também encontramos a água da vida sendo derramada nos corações de pedra, transformando-os em corações de carne.

Em meio a tanta sequidão, surge uma fonte de água viva, que transforma completamente a pessoa que nela crê. A fonte continua jorrando e proclamando ao mundo incrédulo: “Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida” (Ap 22.17).

APLICAÇÃO

Cristo é o único que sacia nossa sede espiritual. Ele é o unigênito Filho de Deus que veio ao mundo para buscar e salvar o que estava perdido. Neste mundo de perdição e incredulidade, ele é a única fonte de vida. Creia nele. *Creia em Cristo* mesmo que todas as vozes ao seu redor digam o contrário. Mesmo que a incredulidade se manifeste em sua casa, entre os que o observam ou entre as multidões. Deus tem o seu povo, que ouvirá e crerá. Você tem crido nele, apesar da multidão?

Não siga a agenda incrédula do mundo que deseja ditar o que você deve fazer e quando fazer. *Siga o exemplo de Cristo* e saiba que o seu tempo deve ser marcado por Deus e não por vozes incrédulas. Os sábios entenderão como e quando fazer (Leia Ec 8.5). Busque a sabedoria do alto.

Permaneça firme, mesmo em meio à incredulidade ou perseguição, convicto de que temos a única mensagem de salvação para anunciar aos incrédulos, e que dentre eles, Deus mesmo converterá quem ele quiser. Saia, pois, e pregue o evangelho.

Para ler e meditar durante a semana

D – 1Co 1.18-25 – Cristo é a sabedoria de Deus; **S** – Mt 23.23-26 – Cristo e a falsa piedade;
T – Mt 5.17-20 – Cristo e a Lei de Deus; **Q** – 1Jo 1.5-10 – Cristo nos perdoa;
Q – Rm 5.1-2 – Cristo nos justifica; **S** – 1Co 1.26-31 – Cristo nos santifica;
S – Fp 3.12-14 – Cristo é o alvo

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma época em que somos pressionados a ser tolerantes a tudo. Mesmo que alguém faça algo horrendo, julgar essa pessoa é impensável. Isso se torna também comum no meio cristão. Ainda que a Bíblia nos diga que a igreja deve viver em santidade, a tolerância ao pecado dentro da comunidade cristã é cada vez mais comum. Um dos textos que é usado para essa tolerância entre os cristãos é João 8.1-11. Será realmente que devemos ser tolerantes ao pecado? Será que é isso que o texto nos ensina?

Na maioria das vezes pensamos em apenas dois caminhos. Ou somos indiferentes ao pecado do próximo e também ao nosso, ou somos totalmente intolerantes e legalistas. Mas existe outro caminho, e é esse que o texto nos ensina. Ele fala sobre quem é Jesus e como ele trabalha em nossa jornada cristã.

**I. “DEUS RESISTE AOS SOBERBOS”
(v. 1-3)**

Olhando para João 7.45-53 encontramos a conversa entre os escribas e fariseus e seus guardas. O clima dessa conversa não é nem um pouco agradável, pelo contrário, é cheio de amargura e palavras ríspidas. Os guardas haviam sido enviados para prender Jesus, mas não conseguiam

encontrar uma razão para prendê-lo. A frase de admiração usada pelos guardas (7.46) é apenas um dos vários exemplos que encontramos nos Evangelhos. Jesus falava com autoridade, algo que não era comum entre os líderes da época.

Por causa disso, esses líderes, irados, chamam os guardas de plebe (um termo depreciativo) e os acusam de terem sido enganados por Jesus. Até Nicodemos é alvo da ira desses líderes religiosos. Então, eles decidiram não enviar outros para atrapalhar o ministério de Jesus. Agora eles mesmos fariam isso. Assim, cheios de arrogância, eles foram até o templo para humilhar Jesus. Eles estavam tão certos de que sairiam vitoriosos, que preferiram fazer isso diante de um grande público. Era um período de festas e, portanto, havia muita gente no templo.

A arrogância daqueles homens cega o entendimento deles. Perceba que eles humilharam os guardas e Nicodemos, e agora caminhavam para humilhar a Jesus. Eles não sabiam que Jesus era a própria sabedoria de Deus (1Co 1.24). O que acontece nesse texto é que a sabedoria e a inteligência desses homens seriam humilhadas diante de todos (1Co 1.18-20). Por causa do orgulho, aqueles líderes não conseguiam enxergar que Jesus era o Messias

que eles tanto aguardavam. A Escritura nos ensina que Deus não escolhe os sábios segundo a carne, nem os poderosos, nem os de nobre nascimento (1Co 1.26), mas Deus escolheu os humildes “para reduzir a nada [os] que são” (1Co 1.28). Em outra carta: “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes” (Tg 4.6).

II. “FORMA DE PIEDADE” (v. 4-6)

Jesus voltou para o templo na madrugada do dia seguinte para continuar com seus ensinamentos. O pátio externo servia como ponto de encontro para muitos escribas reunirem seus alunos e expor a Lei. Por isso, o lugar era público e à vista de todos. Nesse momento, os escribas e fariseus levaram uma mulher que havia sido “surpreendida em adultério”.

Os mestres, naquela época, eram reconhecidos como grandes estudiosos e expositores da Lei de Moisés e, por isso, algumas vezes acabavam assumindo funções de advogado ou até de juiz. Não era uma novidade tão grande pedir para um mestre julgar um caso. Em Lucas 12.13, por exemplo, um homem pediu para que Jesus agisse como juiz entre ele e seu irmão, na partição da herança. Por isso, os escribas e fariseus colocaram no meio da multidão a mulher que fora “surpreendida em adultério” para ser julgada na presença de todos. No entanto, como o texto afirma, a intenção desses líderes religiosos não era fazer justiça. O versículo 6 deixa bem claro que o motivo de levar aquela mulher até Jesus era tentá-lo. Havia maldade no coração daqueles homens e não pureza e senso de justiça. Essa estratégia foi usada diversas vezes durante o ministério de Jesus (Mc 3.2; 10.2 e Lc 6.7).

Aqueles homens usavam a Lei como uma armadilha para Jesus. O apedrejamento ordenado pela Lei era muito específico. No caso de infidelidade no casamento, por exemplo, os dois que cometeram o adultério deveriam ser mortos, no entanto, não diz que deveria ser por apedrejamento (Lv 20.10; Dt 22.22). Já no caso de noivado, ou seja, quando uma virgem fosse infiel ao seu noivo, mesmo antes do casamento, ambos deveriam ser mortos por apedrejamento (Dt 22.23-24). Por causa disso, é possível que esse segundo exemplo fosse o caso, embora isso não seja determinante.

O fato de esses líderes terem levado aquela mulher até Jesus não era uma questão de simples interpretação da Lei. Se Jesus defendesse a mulher, poderia ser acusado de desprezar a Lei e, até mesmo, ser levado a tribunal. Se ele concordasse com o apedrejamento, acabaria em descrédito, já que sua mensagem falava de perdão e nova vida, e ainda seria acusado de usar de uma autoridade que só o governo tinha, no caso, Roma. Qualquer que fosse a resposta, os escribas e fariseus a usariam para acusar Jesus. Essa era uma tentativa de colocar Jesus contra a liderança religiosa dos judeus ou contra a liderança dos romanos. Algo parecido ocorreu quando Jesus foi questionado sobre o tributo (Mc 12.13-17).

Para surpresa de todos, Jesus simplesmente se calou e começou a escrever (ou desenhar) algo no chão. Ele não respondeu. Não sabemos o que Jesus escreveu nem precisamos saber. Aquela atitude de Jesus deixou os escribas e fariseus ainda mais nervosos. Talvez essa tenha sido a intenção dele, ou seja, deixá-los ainda mais nervosos para revelar a maldade dos

corações daqueles homens. O fato é que eles se tornaram mais impacientes e insistiram na pergunta.

Algumas coisas não foram explicadas pelos escribas e fariseus. Afinal, aquele adultério não podia ter sido cometido só pela mulher, uma vez que ela foi surpreendida no ato. Por que não trouxeram o homem envolvido com ela? Ele fugiu ou foi usado por eles? Ou eles simplesmente não estavam nem um pouco interessados em cumprir a Lei de Deus? Na verdade, essa última opção é a correta. Eles não estavam nem um pouco preocupados em fazer a vontade de Deus. O fato de usar a Lei não queria dizer que estavam corretos diante do Pai.

Isso não é algo que aconteceu apenas nos dias de Jesus. Paulo diz para Timóteo que nos últimos dias os homens se tornariam cada dia mais impiedosos, no entanto, apresentariam forma de piedade (2Tm 3.1-5). Nós mesmos enfrentamos essas tentações (1Co 10.12). Já lhe ocorreu passar uma fofoca adiante na forma de pedidos de oração? Uma denúncia pode ser feita aos líderes da igreja sem o desejo de restaurar o irmão ofensor, mas com motivos impuros. O desejo do crente em obedecer a Deus deve sempre começar no coração. Fazer o correto com motivações erradas também é desobediência.

III. NÃO VIM PARA REVOGAR, VIM PARA CUMPRIR (v. 7-8)

Com a insistência daqueles homens, Jesus se levantou e deu uma resposta suficiente para calá-los: "Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra". Muitas vezes esse texto e, principalmente, essas palavras, são usadas para mostrar que não devemos julgar nin-

guém, pois todo mundo peca. É verdade que todos temos pecado e que antes de fazer qualquer acusação devemos lembrar que também cometemos erros. Mas será que é isso que Jesus está ensinando? Ele quer dizer que para fazer qualquer acusação você deve ser puro, sem pecado algum? Ou que devemos praticar apenas o amor e ser tolerantes ao pecado do outro? Isso não acabaria, por exemplo, com o ensino bíblico sobre a disciplina eclesial? Vamos examinar o texto para entender o que realmente Jesus queria ensinar.

Como vimos, os fariseus e escribas estavam tentando Jesus usando a Lei de Moisés. No entanto, Jesus respondeu com a própria Lei. Se eles eram letrados na Lei de Moisés, deveriam saber (e sabiam) como deveria ser aplicado aquele julgamento. O texto de Deuterônimo, em 13.9 e 17.7, diz que aquele que fosse testemunha do ato deveria ser o primeiro a lançar a pedra. Percebe o que Cristo fez? Ele devolveu a armadilha para eles. Aquele que foi testemunha do adultério deveria dar um passo a frente e lançar a primeira pedra. Ou seja, se alguém jogasse a primeira pedra, enfrentaria o julgamento de Roma, mas, se não jogasse, estaria negando a Lei de Moisés. Quem assumiria essa responsabilidade?

Imagine como teriam ficado confusos aqueles homens se refletissem também sobre Êxodo 23.1-9, que fala sobre como deveria ocorrer um julgamento. O texto diz que:

- Deveria ser um julgamento imparcial. Mas se eles levaram só a mulher, não houve imparcialidade.
- O julgamento não deveria ser torcido por questões particulares, e era exatamente isso que estava acontecendo ali.

• Não deveriam seguir a multidão para fazer o mal. Qual era o motivo daquele grupo? Fazer justiça ou tentar Jesus?

• Não deveria haver falsa acusação. Se alguém viu, quem foi?

Pense no ataque que é feito à própria consciência deles. A ausência do homem participante do ato mostrava que eles estavam acobertando o outro culpado, ou seja, eles eram cúmplices. Jesus não anulou a Lei, só lembrou que eles não deveriam usar só parte dela.

Devemos ter cuidado para não fazer o mesmo. Não é correto sermos seletivos quando se trata de passagens bíblicas. Conseguimos facilmente perceber como certos textos apontam para pecados de nossos irmãos, mas não enxergamos como a Bíblia também fala de nossos próprios pecados. E quando algum irmão, ou um líder da igreja nos exorta por causa de nossos pecados, dizemos “eu acho que não é bem assim”, ou “isso era para aquela época”. Gostamos de passagens que falam das promessas, mas não queremos muito ouvir passagens que falam dos nossos deveres.

Esse texto também nos ensina que precisamos aprender a lidar com o pecado de nossos irmãos. Não devemos ignorar seus pecados, mas também não devemos tratá-los com ódio ou desprezo. Precisamos lembrar que nós também temos nossas falhas, e que precisam ser tratadas. Também temos nossos pecados, que precisamos abandonar. Tropeçar em um só ponto da Lei já nos torna culpados de todos (Tg 2.1-13). Assim, ao tratar um irmão em pecado, devemos exortá-lo em amor e aprender também a receber exortações em amor.

IV. A MISSÃO DE CRISTO (v. 9-11)

No versículo 9, encontramos a saída vergonhosa dos escribas e fariseus. Eles subiram orgulhosos até Cristo, certos de que seriam vitoriosos sobre ele. No entanto, saíram de cena derrotados, como tantas outras vezes. Começando pelos mais velhos, um após outro, abandonaram aquele local. Cristo, como conhecia o coração daqueles homens, deu a resposta que os atingiu, a ponto de ficarem sem ação. Jesus não parou de escrever na terra, até que todos fossem embora, e então se levantou para conversar com a mulher.

A. O salário do pecado

Essa é a primeira vez que ele se dirigiu a ela. A pergunta que lhe fez já foi uma maneira de Jesus trabalhar seu coração. Cristo sabia o que ela tinha feito e isso é revelado no último versículo. Ela também sabia que estava errada ao cometer adultério. Sabia que se fosse apedrejada nos moldes da Lei, ela estaria recebendo o castigo merecido. Ela merecia, de fato, ser morta por causa de seu pecado. Você consegue imaginar a situação dela? Em alguns países essa prática ainda é comum. E hoje nos parece um exagero ser morto por causa de um erro desses. Afinal, por que Deus estabeleceu uma lei como essa? Ele exagerou? É claro que não.

Essas leis serviam para mostrar quão terrível é o pecado. Serviam para expor o que nós merecemos quando desobedecemos a Deus (Rm 5.12). Deixam claro que o salário do pecado é realmente a morte. Todos nós deveríamos ser mortos por causa dos nossos pecados (Rm 6.23). É o que merecemos. E é diante dessa notícia desesperadora que devemos nos refugiar em Cristo e receber o perdão.

B. As boas-novas

Cristo levou alívio para a alma daquela mulher. Ao perguntar sobre os acusadores, Jesus fez com que ela refletisse sobre seu pecado. Ela não tinha outra saída se não fosse por Cristo. Mas é preciso lembrar que as pedras lançadas não se comparariam ao destino final sem Cristo (Lc 12.4-5). Somente quando percebemos nosso estado de miséria conseguimos olhar para a salvação graciosa em Cristo. Esse é o primeiro passo da conversão, ou seja, reconhecer que somos pecadores.

Ao dizer para aquela mulher: "Nem eu tampouco te condeno" Jesus não estava ignorando o quão terrível é o pecado. O que ele fez foi conceder seu perdão. Afinal, Jesus, em sua primeira vinda, não veio trazer julgamento, mas perdão e salvação (Lc 12.14; Jo 3.17; 12.47-48). De fato, haverá um dia em que ele trará julgamento sobre vivos e mortos (At 17.31; Rm 2.15-16; 2Tm 4.1), mas isso acontecerá só em sua segunda vinda. João diz que, se confessarmos os nossos pecados, Deus é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça (1Jo 1.9).

C. Novidade de vida

Jesus nos ensina algo maravilhoso nesse texto. Primeiramente, que não devemos ser tolerantes com o pecado. Ao dizer "vai e não peques mais", ele demonstrou que o pecado não deve ser tolerado no meio do povo de Deus nem na vida de uma pessoa regenerada. Jesus repreendeu aquela mulher como fez com tantos outros. Em João 5, por exemplo, ele alertou o ex-paralítico a não pecar mais, para que coisa pior não lhe acontecesse (Jo 5.14). Assim, Jesus mostrou que a vida cristã não

é viver no pecado, mas uma constante luta pela santidade.

Não é porque o crente foi liberto da morte eterna que ele pode viver a vida da maneira que quiser (Rm 6.1-14). A Bíblia traz alertas constantes para que busquemos a santidade. João, em sua primeira carta, explica que ter comunhão com Deus deve ser mais do que simples palavras. Estaríamos mentindo se afirmássemos ser crentes, mas andássemos em trevas (1Jo 1.6). Ser cristão é mais do que ir aos cultos dominicais para cantar e ouvir uma pregação. O apóstolo também diz: "Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis" (1Jo 2.1). Não podemos ficar acomodados com nossos pecados.

CONCLUSÃO

Aprendemos pelo menos três lições principais. Primeiro, que a Lei de Deus deve ser obedecida como um todo e não apenas aquilo que é conveniente para nós. Em segundo lugar, vimos que Deus não tolera o pecado. Muitas vezes nosso zelo pela obediência da lei pode estar com a motivação errada e isso também desagrade a Deus. E, por fim, também aprendemos que Deus é misericordioso e rico em perdoar. Deus nos promete o perdão, se realmente houver arrependimento. Ou seja, reconhecimento da gravidade do nosso pecado e disposição para não pecar mais.

APLICAÇÃO

A Lei de Deus não deve ser tida como nossa inimiga, mas um guia para fazermos a sua vontade. É verdade que, algumas vezes, tropeçamos, mas quando isso acontecer, devemos olhar para Cristo e dizer: "Senhor, eu preciso de ti". A promessa que temos é que ele nos dará o perdão e a nossa responsabilidade é não pecar mais.

9

João 14.1-31

“NÃO SE TURBE O VOSSO CORAÇÃO”

Para ler e meditar durante a semana

D – Jo 11 – O poder de Jesus sobre a morte; **S** – 1Jo 1.5–2.2 – O nosso Advogado;

T – Is 42 – O Servo do Senhor; **Q** – Ap 7.9-17 – A visão dos glorificados;

Q – Sl 27 – Paz na presença de Deus; **S** – Rm 8.18-30 – Sofrimento, glória e o auxílio do Espírito;

S – Ap 21.9–22.5 – A nova Jerusalém

INTRODUÇÃO

Para muitas pessoas falar acerca da própria morte talvez seja uma tarefa difícil; para Jesus, não foi. No Evangelho de João, notamos que tal tema causava desconforto aos discípulos. Eles desfrutavam de uma verdadeira amizade com Jesus (Jo 15.5), por isso ficaram tristes (Jo 16.6) com a notícia da partida do Mestre.

Como se já não bastasse ter de encarar a iminente ausência de Jesus, eles também teriam de saber lidar com a triste notícia da existência de um traidor entre os 12, e com o anúncio de que um dos mais dedicados, Pedro, negaria fazer parte do grupo.

Seria esse o prenúncio de um trágico fim para uma campanha tão surpreendentemente maravilhosa? Afinal, eles acreditavam que o poderoso profeta de Nazaré fosse aquele quem haveria de remir a Israel (Lc 24.21).

Nesse clima de temor, tristeza, e incertezas, Cristo inicia um discurso – relatado em João 14 – com as seguintes palavras: “Não se turbe o vosso coração...”

I. A MORADA DO PAI: UM LUGAR PARA SE VIVER (14.1-4)

A palavra de conforto aos discípulos, também conhecida como *Discurso de Despedida* (Jo 14.1–16.33) pode ser di-

dativamente analisada em cinco seções (cf. *Bíblia de Estudo de Genebra*): a morada (14.1-4), o caminho (14.5-14), o Espírito Santo (14.14-31), a videira e os ramos (15.1-17) e o consolo durante a perseguição (15.18–16.33).

Ainda que possam ser utilizadas como sinônimas, existe uma sutil diferença no uso das palavras “casa” e “morada”. A primeira está mais ligada à ideia de local, espaço físico, construção. Já a segunda refere-se ao conceito de moradia, viver, habitar. Assim, Jesus fala de um local real e habitável para onde iria, e posteriormente levaria seus discípulos. Não se tratava de um lugar para se fazer uma rápida visita, mas de uma nova moradia, um novo endereço.

Esse lugar pertence ao Pai. O acesso a esse lugar está condicionado a alguns eventos históricos: 1) A morte de Jesus (este é o contexto de todo o diálogo); 2) A ascensão de Jesus; 3) A Segunda Vinda (Jesus fala de seu retorno: “voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também” – v. 3). A cronologia desses eventos deveria ser observada. Eis o porquê da resposta dada por Jesus a Pedro: “Para onde vou, não me podés seguir agora; mais tarde, porém, me seguirás” (Jo 13.36).

É na literatura produzida pelo evangelista João que mais temos informações sobre esse local singular. Em meio a todo o simbolismo presente no livro de Apocalipse, nos capítulos 21 e 22 são reveladas informações que nos fazem sonhar e desejar essa nova moradia. Nenhum conceito terreno de *morar bem* consegue chegar perto do nível de qualidade dessa habitação que Jesus preparou para a sua igreja.

II. O ÚNICO CAMINHO (14.5-15)

No verso 4 Jesus provoca a conexão com outro assunto: "E vós sabeis o *caminho* para onde eu vou". Tomé "morde a isca" e com a pergunta "como saber o *caminho*?" (v. 5), ele não apenas demonstra sua falta de compreensão, mas estabelece uma *ponete* para a abordagem de outro tema importante para tranquilizar o grupo que ouvia Jesus. O texto segue no envolvente dinamismo de perguntas e respostas.

A. O *caminho*, e a *verdade*, e a *vida*

Jesus é o único caminho. No grego bíblico é muito comum que os verbos sejam escritos *sem* a presença dos pronomes pessoais (*eu, tu, ele, nós, vós, eles*), que são subentendidos pela conjugação. Quando esses pronomes são utilizados, a intenção é dar ênfase na pessoa da ação verbal. Na resposta a Tomé, o pronome é utilizado por Jesus (*egô, eu mesmo; somente eu – eimi, sou*). Essa afirmação, já carregada de ênfase, é reforçada quando Jesus conclui: "ninguém vem ao Pai senão por mim" (v. 6).

A categórica declaração de Jesus não deixa espaço para a existência de qualquer outro mediador entre Deus e os homens. E também esclarece como é possível ter acesso à morada do Pai; a saber, tão somente por meio de Cristo.

Sentenças com o mesmo tipo de realce são usadas por Jesus em outros episódios (Mt 14.27; Mc 14.62). Mas é na literatura joanina que essas proclamações ganham grande destaque: João 4.26; 6.35; 8.12,18,58; 10.7,9,11,14; 11.25; 13.19; 15.1,5; 18.4-6,8.

Jesus se define como sendo *a verdade*. Alguém perfeitamente confiável, plenamente real. Se o testemunho de Cristo não é verdadeiro, todo o cristianismo cai por terra como um conjunto de falsas proposições, como uma grande mentira.

Jesus é *a vida*. No episódio em que Lázaro morre, mas é trazido à vida, Jesus afirmou: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente" (Jo 11.25-26). A compreensão do evangelista João acerca dessas declarações pode ser averiguada no início do Evangelho, quando afirma que todas as coisas foram trazidas à existência por meio de Jesus, e que, sem Jesus, o Verbo de Deus, nada do que foi feito se fez (Jo 1.3-4)

Essa exclusiva autoridade de Cristo já havia sido preanunciada por meio do profeta Isaías: "Assim diz Deus, o SENHOR, que criou os céus e os estendeu, formou a terra e a tudo quanto produz; que dá fôlego de vida ao povo que nela está e o espírito aos que andam nela. Eu, o SENHOR, te chamei em justiça, tomar-te-ei pela mão, e te guardarei, e te farei mediador da aliança com o povo e luz para os gentios; para abrires os olhos aos cegos, para tirares da prisão o cativo e do cárcere, os que jazem em trevas. Eu sou o SENHOR, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a minha honra, às imagens de escultura" (Is 42.5-8).

O testemunho apostólico ecoa o mesmo ensino: "... há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos" (1 Tm 2.5-6). "... não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (At 4.12).

B. Quem vê o Filho vê o Pai

Desde o verso 1 Jesus já reivindica igualdade com o Pai. Crer em Deus é algo semelhante a depositar fé no Filho. Mas, nesse ponto da narrativa, respondendo a uma pergunta feita por Filipe, uma chocante afirmação é feita: ver o Filho é o mesmo que ver o Pai (Jo 14.9).

Em uma breve análise desse texto do Evangelho de João, o teólogo A.W. Tozer chama a atenção para que a igreja tenha coragem para afirmar que Deus Pai se revelou *como* Cristo.

Os termos que usamos são importantes, e revelam nossa compreensão teológica da Bíblia. Alguns teólogos liberais admitem que Deus revelou-se *em* Cristo, mas tal afirmação não corresponde com aquilo que nos informam as Escrituras, porque coloca Jesus no mesmo nível de revelação dos profetas do Antigo Testamento, por exemplo. A Bíblia não diz que Jesus apenas foi um portador da mensagem de Deus, mas nos ensina que Deus se revelou na forma de Cristo (*And He Dwelt among Us*, A.W. Tozer, Regal). Jesus é o Deus que se fez carne e habitou entre nós, o resplendor da glória e a expressão exata do Ser de Deus (Hb 1.3). Ao afirmar "Quem me vê a mim vê o Pai"

(Jo 14.9), "eu estou no Pai, e o Pai está em mim" (Jo 14.10), Jesus demonstra claramente ter total entendimento de que é o próprio Emanuel; Deus conosco.

Jesus não ignora ou nega a existência de dor e sofrimento, mas nos convida a olhar para a glória que está por vir (Rm 8.18). Convida-nos a olhar firmemente para o Autor e Consumador de nossa fé (Hb 12.2).

O pastor e poeta Dr. James M. Gray (1851-1935), da Igreja Episcopal Reformada, conseguiu mui bem sintetizar João 14.1-15, quando escreveu: "Não nos preocupamos com a viagem quando o caminho nos leva pra casa".

III. O OUTRO CONSOLADOR (14.16-31)

Outro Consolador é anunciado. Falar da existência de *outro* implica dizer que já existe *um*; o próprio Jesus.

Esse título dado ao Espírito é uma palavra de difícil tradução. O termo *paráclitos* pode também ser traduzido como Advogado, Mediador, Defensor, Conselheiro, Encorajador, Ajudante (aquele que auxilia). Para além dessa dificuldade, duas constatações são no mínimo curiosas quanto ao uso desse título: 1) Em todo o Novo Testamento encontramos esse termo apenas nos textos produzidos por João; 2) Além de ser atribuído ao Espírito, o título é atribuído somente a Cristo (1Jo 2.1). O Espírito é o Consolador, o Consolador é Jesus.

Ainda que o título não seja usado por Paulo, a ideia está presente em suas palavras quando diz que o Espírito nos auxilia em nossas fraquezas, intercedendo por nós com gemidos inexprimíveis (Rm 8.26-27).

Um refinado uso de preposições é usado para descrever a atuação do Consolador, que estará *com* os discípulos, realizará obras *por* meio dos discípulos e habitará *dentro* dos discípulos. Tal atuação jamais será vista no mundo (v. 17), mas apenas na vida dos discípulos (que ali certamente representavam a igreja). O Consolador os capacita a cumprir os mandamentos (v. 23), a entender as difíceis palavras de Jesus (v. 26), os habilita a acreditar, enchendo o coração deles de paz (v. 27), fazendo-os lembrar dos seus ensinamentos (v. 26) – o que foi de fundamental importância para a composição dos textos do Novo Testamento. Esta é a garantia de que a igreja de Jesus jamais ficará desamparada (v.18).

A concretização dessas bênçãos pode ser observada a partir do livro de Atos dos Apóstolos. Ela estava condicionada aos eventos da morte e ressurreição de Jesus, conforme João explica: “Convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei” (Jo 16.7).

CONCLUSÃO

Nos Evangelhos, o nosso Senhor Jesus demonstra um inigualável poder sobre o corpo humano. Ele curou inúmeras doenças de forma imediata, sem necessidade de tratamento com remédios ou

fisioterapias, sendo algumas tidas como irremediáveis em sua época. Mas nos Evangelhos somos informados de que Jesus também conhece profundamente o coração do homem e só ele pode curar as feridas mais profundas da alma.

Em João 14 observamos as palavras de Jesus em um claro tom de despedida. Como Jesus trata essa profunda tristeza no coração de seus seguidores? Ele conduz seus discípulos a entender que: 1) Há uma morada celestial preparada para a igreja. 2) Só existe um Caminho. 3) A sua presença física seria substituída pelo Espírito Santo, agindo em nosso favor para entendermos a vontade de Deus e nos guiando a um caminho de plena satisfação e contentamento em Cristo.

O diagnóstico de Jesus é inerrante. A solução apontada por Jesus é infalível.

APLICAÇÃO

A mensagem bíblica de novos céus e nova terra deve enchê-lo de coragem e esperança. Há um hino que diz: “Oh! Pensai nesse lar lá do céu, nas gloriosas moradas de luz, onde os crentes, felizes, desfrutam da presença de Cristo Jesus” (hino 186 do *Novo Cântico*). Anseie a vinda do Senhor Jesus. Lembre-se, enquanto esse dia não chega você pode desfrutar da paz que Cristo dá mesmo em meio à profunda aflição.

Para ler e meditar durante a semana

D – Mt 13.24-30,36-43 – Joio no meio do trigo; **S** – Is 5.1-7 – A vinha infrutífera;

T – Rm 8.22-28 – O Espírito ajuda; **Q** – 1Jo 2.1-11 – Um novo mandamento;

Q – Mt 28.16-20 – Autoridade suprema; **S** – Gl 5.16-26 – O fruto produzido pelo Espírito;

S – Cl 2.8-15 – Unidos àquele que venceu

INTRODUÇÃO

Após três anos seguindo a Jesus, os discípulos já tinham adquirido algum entendimento do Reino, mas foram totalmente pegos de surpresa pelo aprisionamento, julgamento e execução daquele que criam ser o Messias prometido a Israel.

Entretanto, não poderiam alegar que não haviam sido preparados para aqueles acontecimentos. Nesse longo trecho em que João agrupou discursos de Jesus aos seus discípulos (capítulos 13 a 17), percebemos uma nota constante: o Mestre preparando seus alunos para assumirem a sua obra.

I. A SITUAÇÃO DOS DISCÍPULOS

O Mestre utiliza figuras conhecidas numa sociedade agrícola e escravagista. Tais figuras marcariam as memórias deles de tal maneira que, muitos anos depois, João as registraria para discípulos que ainda nem haviam nascido, como nós.

A. Vocês são meus ramos (Jo 15.1-10)

A primeira figura fala de uma videira que é cuidada por um zeloso agricultor para que seus ramos produzam uvas. A videira na Antiguidade simbolizava a alegria e o prazer (Sl 128.3; Mq 4.4), pois com sua uva se obtinha o vinho, além de uma geleia bastante apreciada. Os discí-

pulos provavelmente lembraram que na Escritura a videira é símbolo da relação entre Israel e seu Deus: Israel era a videira, plantada pelo Senhor (Sl 80.8). O fato é que a videira/Israel se mostrou infrutífera, não cumprindo com os planos de seu agricultor (cf. Is 5.7 e Jr 2.21).

Agora, Jesus aplica a figura a si mesmo: ele é a “videira verdadeira”, em distinção da antiga videira falsa. Diferentemente do desobediente povo de Israel, Jesus é o servo que cumpre toda a justiça e alegra seu Pai, conforme o testemunho do próprio Deus por ocasião de seu batismo e transfiguração: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3.17; 17.5).

A questão mais importante na alegoria da videira é que os discípulos são seus ramos frutíferos. É verdade que pode haver ramos infrutíferos; galhos sem a seiva podem aparentar ter vida por algum tempo, mas jamais produzirão uvas. Judas, que havia saído pouco antes para guiar uma escolta armada até seu mestre, certamente ilustra essa verdade (Jo 13.2,10,30); em um sentido mais abrangente, o judaísmo que levantou tanta oposição contra Cristo também se encaixa perfeitamente (Jo 8.52; 10.31-33; 19.7), assim como todos aqueles que compartilham das bên-

ções espirituais do povo de Deus por um período, mas finalmente mostram que nunca foram verdadeiramente de Cristo (1Jo 2.19; Mt 13.24-26). Seu destino é a perdição (Jo 15.6).

Os discípulos deviam compreender que sua relação com Cristo não envolvia apenas andar com ele, aprender seus ensinamentos, nem mesmo só acreditar que ele era o Messias tão aguardado. Essas coisas eram boas, mas a figura da videira e seus ramos fala de uma relação mais profunda, indicando que a força espiritual e a vida eterna dos discípulos dependia completamente de estarem ligados a ele pela fé (a referência ao permanecer ocorre 11 vezes no capítulo 15).

A Teologia Reformada costuma se referir a essa ligação como “união mística” do crente com Cristo. É por estarmos unidos ao seu sacrifício e ressurreição que recebemos sua justiça e vida, enquanto ele recebeu o castigo que merecíamos (Rm 6.5-7).

Esse relacionamento espiritual é estabelecido por uma fé que jamais é inoperante (Tg 2.17); pelo contrário, é viva e frutifica por amor ao Pai e obediência à sua vontade expressa na sua Palavra (Jo 15.3,7,10). A metáfora do fruto para Deus no Novo Testamento inclui o arrependimento dos pecados (Mt 3.8-10), a evangelização dos perdidos (Jo 4.35-39; 1Co 9.1) e a transformação do caráter pelo Espírito Santo (Gl 3.22-23).

B. Vocês são meus amigos (Jo 15.11-27)

Quando falava dos ramos que devem permanecer no tronco da videira, Jesus já havia mencionado a liberdade que teriam para pedir o que quisessem (Jo 15.7), bem como havia explicado essa permanência

em termos de amor e obediência (Jo 15.9-10). Agora, ao abandonar a figura agrícola e falar mais diretamente do relacionamento entre Mestre e discípulos, ele retoma essas expressões – mas sem abandonar as referências aos frutos.

Cristo afirma claramente: “você são meus amigos” (Jo 15.14). O fato de tê-los instruído nas verdades do reino provava que eles eram mais que escravos, de quem se requer obediência cega (v. 15). Além disso, o mandamento do seu Senhor não é despótico, nem desumano – ele ordena-lhes que se amem, e o faz somente após tê-los amado (v. 12). À semelhança do que ocorria no mercado de escravos, eles haviam sido passivamente escolhidos por seu Senhor, mas ele não pagara por eles com algumas moedas. Como amigo verdadeiro e sem igual, seu Senhor dera a sua vida em favor deles (v. 13). Poderia haver maior prova de amor?

Jesus também alude à revelação de seu Pai que entregou aos seus discípulos durante seu ministério (v. 15). Ao ensinar-lhes acerca das boas novas do reino de Deus, Jesus estava revelando o caráter de Deus e sua obra em favor dos homens, como somente o Unigênito do Pai poderia fazer, e isso também comprovava sua relação de amizade com os discípulos.

Ocorre que esse profundo relacionamento com Jesus Cristo tem duas implicações para o discípulo. A primeira delas está em uma nova relação entre eles, caracterizada pelo amor (uma ordem direta, repetida duas vezes, nos v. 12 e v. 17; comparar com Jo 13.34 e 1Jo 3.23). Se nossa amizade com o Salvador nos faz ligados a ele como os ramos à videira, então estamos todos interligados uns aos outros. Ninguém que seja amigo de Jesus

pode ser inimigo de um de seus amigos, pelos quais ele deu sua vida (1Jo 4.20-21), assim como ninguém pode apreciar a videira desprezando seus ramos.

A segunda implicação é que, tendo odiado o Filho de Deus até a morte, o mundo também odiará seus discípulos (v. 20). O mundo não aceita alguém que obedece aos mandamentos de Jesus e vive na sua luz, pois o que impera neste mundo são as trevas. É bom lembrar que, na Bíblia, “mundo” não se refere apenas ao nosso planeta. Em alguns casos, significa “humanidade incrédula” (veja esses dois sentidos em Jo 1.10). É esse sentido mais negativo que temos em nosso texto, pois Jesus explica que o mesmo ódio que nutre pelo Pai e pelo Filho o mundo dirigirá aos discípulos – que já “não pertencem ao mundo” (v.18-19,23-25).

Como discípulos de Jesus, todos somos reconfortados ao compreender nossa situação. Pela fé, estamos intimamente ligados a Jesus, a fonte de nossa vida. Por outro lado, reconhecer em sua cruz uma demonstração de amor e amizade também nos desafia a amarmos nossos irmãos de maneira abnegada. Unidos a Cristo e uns aos outros pelo amor, seremos vitoriosos contra a oposição do mundo sem Deus.

II. A CHEGADA DO CONSOLADOR

As predições da oposição do mundo se estendem agora pelo capítulo 16, conforme Jesus explica seu objetivo (Jo 16.1). O verbo “escandalizar”, no original, significa fazer tropeçar ou armar cilada. Jesus reconhecia que, sem as instruções necessárias, o progresso espiritual de seu povo seria prejudicado.

Cristo já havia prometido aos discípulos que o Espírito Santo lhes daria todo

o suporte necessário nas perseguições (Jo 14.26). Ele lhes ensinaria o que deveriam responder diante do Sinédrio, dos tribunais e governadores (Mt 10.18-20). Agora, o Salvador retoma o importante assunto. Considerando o que o futuro reserva aos discípulos, é vantajoso para eles que o Espírito Santo esteja “habitando” na igreja (Jo 16.7; 14.17). Por isso Cristo e o Pai o enviarão aos discípulos, para que por meio dele o ministério de Jesus tenha continuidade e, de fato, seja ampliado na vida da igreja (Jo 15.26; 16.13).

É importante lembrar que Jesus não fala do Espírito Santo como energia ou poder divino (como na heresia defendida pelas Testemunhas de Jeová), mas uma pessoa divina: é um “outro Consolador”, semelhante a Jesus (Jo 14.16) que ensina, dá testemunho (14.26; 15.26), guia e fala daquilo que ouviu (16.13). Ele é enviado por Cristo à terra com o ministério de glorificar o próprio Cristo por meio da igreja de Cristo (16.14).

Com o Espírito atuando neles, os discípulos ganhariam a convicção de fé que lhes faltava até então, pois ele testifica internamente ao coração do crente da verdade do evangelho e da sua relação íntima com Deus (Jo 15.26; Gl 4.6). Inversamente, é também o Espírito quem testifica internamente no coração dos incrédulos acerca da verdade do evangelho, bem como do justo castigo reservado para os impenitentes e incrédulos, que preferiram seguir Satanás, o príncipe deste mundo (Jo 16.7-11).

Dois lembretes são aqui importantes:¹

1) É por meio da pregação e do trabalho

¹ HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: João*. São Paulo, Cultura Cristã, 2003, p. 723.

dos discípulos que o Espírito, habitando no coração dos crentes, convencerá o mundo; 2) Essa operação do Espírito não resulta sempre em conversão. Em alguns casos, trará endurecimento e castigo eterno para aqueles que amam mais as trevas que a luz (Lc 24.48-49; At 1.8; 7.51-57; 16.14; Jo 3.19-20; 15.22).

O Espírito capacitaria aqueles homens sem treinamento retórico e filosófico a perturbarem o mundo com o evangelho da graça (At 4.8-13; 17.6). Não é sem motivo que Jesus o chama de “Ajudador” (o significado mais básico do termo grego *parácleto*s, traduzido como “Consolador” no Evangelho de João e como “Advogado” na sua primeira carta, 1Jo 2.1). Provém dele toda a ousadia espiritual de que tanto o evangelista quanto o mártir necessitam.

III. ACERCA DA SUA PARTIDA

Uma parte do fortalecimento para seus discípulos viria do fato que eles não seriam pegos de surpresa, já que seu Mestre os alertara com bastante antecedência (Jo 16.4). João registra algumas das predições mais obscuras a esse respeito, como a destruição do santuário de seu corpo (Jo 2.19-22), a autoridade para entregar e reaver sua própria vida (10.18), a permissão para que Maria o unguisse, simbolizando seu embalsamamento devido à iminência de sua morte (12.7-8) e a comparação com o grão de trigo, que precisa morrer para produzir (12.23-24).

É compreensível que, em seu afeto pelo Messias e suas expectativas pela chegada do seu reino, os discípulos tenham ficado impedidos de compreender ou aceitar o caráter irrevogável do que estava por vir, mas houve predições bem mais claras

durante seu ministério. Mateus, por exemplo, relata que em quatro ocasiões Cristo alertou aos 12 a respeito de sua prisão, morte e ressurreição (Mt 17.22-23; 20.18-19; 26.2,45).

De todo modo, neste discurso Jesus vai falando mais abertamente acerca de sua morte iminente (Jo 16.25-29). Ele já indicara que daria a própria vida em favor de seus amigos (Jo 15.13); agora, fala de sua ida ao Pai (16.5,10) e avisa que eles não mais o veriam por algum tempo (16.16). Como os discípulos ainda não compreendiam suas palavras (16.17-19), Jesus primeiramente usa a ilustração da parturiente para explicar como é possível que um mesmo evento gere tristeza e alegria, pois assim será sua morte e ressurreição (16.20-22). De fato, a tristeza dos discípulos se tornaria em grande alegria ao terceiro dia. Até hoje, ao participar da Ceia do Senhor, cada cristão experimenta semelhante misto de sentimentos por compreender que a morte de Cristo conquistou o perdão de seus pecados.

Finalmente, Cristo afirma que deixará o mundo e voltará para seu Pai, o que, aparentemente, os discípulos interpretaram como significando sua ida ao céu. Na verdade, eles parecem ter ficado impressionados por Jesus saber das dúvidas deles, o que confirmou sua fé em que ele era o enviado do Pai (Jo 16.19,28-30). É verdade que, na prática, o aprisionamento e morte de Jesus os deixou confusos, trancados em casa, com medo da liderança judaica (Jo 20.19); porém, isso não ocorreu por falta de aviso da parte do Senhor, que por diversas vezes procurou prepará-los para o que viria.

Jesus conhecia as dúvidas deles, suas limitações e fraquezas (Jo 16.19,32-33;

Mt 26.56). De qualquer forma, o Salvador sabia muito bem qual era a missão que o Pai lhe enviara para cumprir, e a que preço. Sabia, também, que seria abandonado pelos homens, mas não pelo Pai. Por fim, sabia que seria vitorioso – venceria a morte, o mundo, o pecado e Satanás (1Co 15.55-56; Ap 17.14; 20.10).

CONCLUSÃO

Somos a igreja de Cristo no mundo, e no momento não vemos nosso amado Mestre e Salvador. Ele nos deu

uma missão grandiosa, especialmente se considerarmos a oposição do mundo contra nós.

Mas não estamos sozinhos nem abandonados; ele nos enviou seu Espírito para estar conosco, nos guiar e nos capacitar a testemunhar dele.

APLICAÇÃO

Adote o firme propósito de não terminar esta semana sem testemunhar do evangelho para alguém. Confie no poder do Espírito Santo.

III. ACERCA DA SUA PARTIDA

Uma parte do fortalecimento para seus discípulos veio do fato que eles não seriam pegos de surpresa, já que seu Mestre os alertara com bastante antecedência (Jo 14). Logo registar algumas das profecias mais obscuras a esse respeito, como a descensão do Espírito do céu (Jo 14.17-22), a autoridade para ensinar e viver sua própria vida (Jo 14.18), e permitir que eles fossem testemunhas em Jerusalém (Jo 14.22-24) e em todo o mundo (Jo 14.25-26), não seria apenas uma bênção, mas também uma responsabilidade. O Espírito Santo seria enviado para que eles fossem testemunhas de Jesus Cristo em todo o mundo (Jo 14.27-28).

É compreensível que, em seu ato pelo Mestre e suas expectativas pela chegada do seu Reino, os discípulos também ficaram impedidos de compreender o significado de sua partida. Eles não estavam preparados para testemunhar de Jesus Cristo em todo o mundo. Eles não estavam preparados para testemunhar de Jesus Cristo em todo o mundo. Eles não estavam preparados para testemunhar de Jesus Cristo em todo o mundo.

NO JARDIM (PARTE 2)

*A Oração Sacerdotal***Para ler e meditar durante a semana****D** – Mt 6.9-13 – A oração modelo; **S** – At 4.23-31 – A intercessão da igreja;**T** – Ap 5.6-14 – A glória do Cordeiro; **Q** – Hb 9.24-28 – Um sacrifício eficaz;**Q** – Ef 6.10-18 – Proteção na guerra; **S** – Fp 2.1-5 – Sem partidatismo**S** – Ef 1.3-14 – Eleitos em Cristo**INTRODUÇÃO**

Entendemos que orar é falar com Deus, publicamente ou em particular. Na maioria das vezes, oramos para pedir (tanto por nós mesmos quanto por outros) e, às vezes, para agradecer.

Segundo seus discípulos registraram, Jesus foi um homem de oração. Mas a oração que conclui o seu último discurso aos discípulos ganhou notoriedade pela relação que mantém com sua morte em favor de seu povo, a tal ponto que passou a ser chamada de “A oração sacerdotal”.

Quais foram os últimos pedidos de Jesus a Deus pouco antes de enfrentar a cruz?

I. QUE ELE FOSSE GLORIFICADO (v. 1-5)

Sabendo que se aproximava o momento em que seria preso e morto, o Salvador levanta os olhos em grata oração porque “é chegada a hora” (Jo 17.1). João já havia indicado a proximidade inescapável desse momento em outras ocasiões (Jo 2.4; 7.30; 8.20).

Jesus não a vê como hora da morte, mas como hora de glória. Como a crucificação pode ser o instrumento de glorificação?

Primeiramente, Jesus e o Pai são glorificados na obediência voluntária de sua

morte sacrificial na cruz (Jo 10.18); essa é a vontade do Pai, que ele desceu do céu para executar (17.4). Além disso, a glória da cruz é que a morte do Filho adquirirá vida eterna a todos aqueles que seu Pai lhe deu desde antes da fundação do mundo (Jo 17.2,6; Ef 1.4). Ambos serão glorificados no louvor eterno dos eleitos redimidos (Ap 7.9-12). E mais, a morte representa para Cristo a oportunidade de retomar a glória de que desfrutava na eternidade, da qual se esvaziou ao tomar a “forma de servo” e se humilhar até a morte de cruz, para ser exaltado pelo Pai, após a conclusão de sua obra redentiva (17.5,24; 1.1-2; Fp 2.7-9).

A “oração sacerdotal” é belíssima; porém, em muitos aspectos, ela é única e irreproduzível. Qual outro ser humano poderia pedir glória ao Todo-poderoso? A própria oração já seria um grande pecado, pois cabe às criaturas glorificar ao Criador – jamais o contrário. O Filho encarnado solicitou ao Pai que lhe conferisse uma glória que já lhe pertencia “antes que houvesse mundo”. Por outro lado, somente ao cumprir sua missão salvadora Cristo ganhou o direito de ser glorificado como o Mediador e Redentor de seu povo (Ap 5.11-13).

Afinal, só ele tinha autoridade para fazer conhecido o “nome” do Pai, isto é, a

identidade, caráter e poder do “único Deus verdadeiro” (Jo 17.3,6). Essa revelação de Deus no Filho foi possível unicamente porque ambos desfrutaram da mesma glória, têm as mesmas coisas, são um só (Jo 17.5,10; 10.30; 17.21). Estavam juntos na criação do universo, assim como estão juntos na redenção dos pecadores (Jo 1.1-2).

Em Jesus temos o conhecimento de Deus que confere vida eterna, pois ele é a imagem do Deus invisível. Vê-lo é ver o Pai, nele a glória do Pai se revela (Jo 1.18; 14.9; Cl 1.15). Jesus orou para ser glorificado pelo Pai, não porque isso o beneficiaria de alguma forma, mas porque, como nosso Mediador, a sua glorificação é a nossa salvação. Tanto é assim que, no final da oração, Cristo expõe ao Pai seu desejo mais profundo: que aqueles que receberam do Pai possam ver a glória da comunhão trinitária (Jo 17.24). Essa ideia da visão de Deus como sinônimo da bem-aventurança é bastante comum na Bíblia (Sl 11.7; 17.15; 27.4; Mt 5.8; Ap 22.3-4). Em Cristo, a glória divina se manifesta plenamente; por meio de Cristo, o povo de Deus compartilha dessa glória maravilhosa.

II. QUE SEUS DISCÍPULOS FOSSEM GUARDADOS (v. 6-19)

Após interceder por si mesmo e sua missão, Jesus volta seu cuidado para seus discípulos. Ele os descreve como aqueles que eram do Pai, e que lhe foram dados pelo Pai; são os que reconheceram ser Jesus o enviado de Deus e guardaram suas palavras (Jo 17.6-8).

Cristo deixa bem claro que sua intercessão é limitada a essas pessoas: “não rogo pelo mundo” (v. 9). É útil lembrar

que a palavra “mundo”, muitas vezes, significa “humanidade em oposição a Deus”. O Mestre rogou pelos seus discípulos justamente porque, sendo seus, já não pertenciam mais ao mundo incrédulo – mas nele permaneceriam (Jo 17.11). Do mesmo modo como este mundo o havia rejeitado e hostilizado, também demonstraria inimizade aos seus seguidores (2Tm 3.12). Entretanto, Jesus não desejou que seus discípulos fossem retirados do mundo. Ele pediu que fossem protegidos do “mal”, o qual deve ser interpretado em um sentido espiritual e moral.

Em primeiro lugar, o pedido de Jesus ao Pai inclui que os discípulos fossem guardados de Satanás, cujo poder foi ilustrado na apostasia de Judas Iscariotes (Jo 13.27). Durante seu ministério terreno, o Salvador guardou seus discípulos dos ataques do diabo (Lc 22.31-32); com a proximidade de sua partida ele solicita que seu Pai continue protegendo-os em seu “nome”, aquele mesmo que Jesus lhes revelou (Jo 17.12,6).

O pedido de proteção do mal também inclui a preservação contra o poder do pecado. Nosso Senhor inclui em sua intercessão uma repetida súplica para que eles sejam “santificados” (Jo 17.17,19), que tem o sentido de “consagrar”, “dedicar a um propósito santo”, “purificar”. Com referência a Cristo, note que é ele mesmo quem se consagra, dedicando-se à santa missão que o Pai lhe conferiu; mas com referência aos discípulos, Jesus e o Pai os consagram para participarem de seu reino e os purificam do pecado. Em ambas as ocorrências relativas aos discípulos, o instrumento de santificação mencionado é a verdade, expressa na Palavra de Deus que o agricultor usa para limpar os ramos

da videira, Palavra de salvação que Jesus deu a conhecer aos seus discípulos (Jo 15.2-3; 17.14).

É por meio da Bíblia que o Espírito conduz nosso processo de purificação e nos protege das “forças espirituais do mal” (Ef 5.26; 6.17). Esse pedido de Jesus por nossa santificação nos responsabiliza pela busca do conhecimento e obediência à Bíblia, instrumento de Deus para atender esse pedido do Senhor (2Tm 3.16-17).

As referências diretas aos eleitos de Deus (“os teus”, “os que me deste”), juntamente com a alusão à ação preservadora do Senhor sobre os seus, nos remetem às doutrinas da “eleição incondicional”, “expição limitada” e “perseverança dos santos”. Aprendemos na Escritura que Cristo morreu especificamente pelos eleitos de Deus, e completa sua obra preservando cada um deles até a morte. Ele foi bem-sucedido naquilo que seu Pai o comissionou a fazer.

Essas doutrinas estão em harmonia com o ensino bíblico de que, na presente era, a semente da Palavra cai tanto em solo fértil quanto em terreno improdutivo, indistintamente, sem que possamos discernir com certeza quem é quem (Lc 8.11-15). A Teologia Reformada comunica esse ensino bíblico com a distinção entre “igreja visível” e “igreja invisível”. Muitos que integram as igrejas sobre a terra, desfrutando das bênçãos dessa participação, jamais creram com fé verdadeira e, portanto, nunca foram salvos. Sua condição espiritual é visível somente aos olhos daquele que conhece os corações, mas quando se desviam do evangelho ou apostatam de Cristo, revelam sua condição interior (1Jo 2.19). Mesmo tendo

ouvido a palavra do evangelho e provado dos poderes do reino de Cristo, nunca entesouraram sua Palavra no coração com fé verdadeira, jamais foram do Pai ou de Cristo (Jo 17.12; 13.21,27,30; Hb 6.4-6). Judas serviu como tipo daqueles cuja impiedade confirma e concorre para aquilo que Deus dissera nas Escrituras (Jo 17.12), pois até sobre a rebeldia e impenitência desses a soberania divina governa. Cabe à igreja orar para que Deus lhes conceda o arrependimento para a vida e libertação espiritual (2Tm 2.25).

Assim, os discípulos de Jesus não foram deixados para trás por omissão dele, ou por um desejo de que fossem submetidos às duras provas de viver num mundo de oposição. Na verdade, o propósito de Jesus era replicar neles a sua própria missão: Assim como o Pai o enviara ao mundo, ele também os enviou (Jo 17.18).

A mensagem dos discípulos é esta: Deus salva pecadores em Cristo.

III. JESUS PEDE PELA UNIDADE ESPIRITUAL DA IGREJA (v. 20-26)

Ainda que Jesus continue a interceder pelos seus discípulos até o final da oração, sua fala adquire um tom mais abrangente: ele passa a pedir não “somente por estes” (Jo 17.20). A distinção entre os apóstolos e os demais crentes indica que o alvo de sua prece até aqui havia sido primariamente aqueles discípulos que o acompanharam desde o início até o cenáculo (Jo 15.27), responsáveis por lançar os fundamentos do edifício espiritual da igreja com sua proclamação e testemunho de primeira mão (Lc 1.2; At 1.21-22; Ef 2.20-22; Ap 21.14).

Entretanto, era necessário interceder também por aqueles que viriam a crer nele

por intermédio da pregação apostólica. Então ele passa a pedir para que haja unidade entre seus futuros discípulos. Mais uma vez, a importância do pedido é destacada pela sua repetição, bem como pela relação que Cristo estabelece entre a unidade dos crentes e a unidade e glória que o Pai e o Filho compartilham entre si (v. 21-23). Não obstante, a comunhão trinitária não é meramente um modelo de comparação para a unidade dos cristãos, mas o fundamento que a torna possível.

Essa unidade é tão essencial porque por meio dela o amor divino flui entre o Pai e o Filho e transborda em direção aos crentes eleitos, e encontrará expressão prática e perceptível ao mundo (Jo 17.23-26). Ele não está orando por uma unidade invisível e retórica, mas por uma unidade em amor que confirme publicamente o relacionamento dos crentes com Jesus e deste com seu Pai.

É evidente que as disputas, brigas e rachas entre os cristãos comprometem seu testemunho do evangelho. Ou o mundo não teria o direito de julgar o cristianismo pelos seus frutos?

Consequentemente, a intercessão pela unidade da igreja também nos responsabiliza: devemos nos esforçar para preservar a unidade do Espírito (Ef 4.3). Jesus pediu ao seu Pai, e requer dos cristãos, que assim como têm um só pastor e cabeça, receberam um só batismo e Espírito, mantenham-se unidos. O relacionamento entre cristãos deve ser pautado pelo amor, humildade e tolerância característicos na vida do Senhor da Igreja (Fp 2.1-3). Porém, temos de fazer duas observações quanto à busca da unidade.

É importante voltarmos à distinção entre igreja visível e invisível para com-

prendermos essa última petição de Nosso Senhor em sua oração sacerdotal. A igreja invisível é espiritual, abrange todos os salvos, os que já morreram, os que estão vivos e os que ainda nascerão; é um só corpo ligado a sua cabeça que é Cristo, subsistindo diante dos olhos de Deus. Já a igreja visível engloba todos aqueles que professam crer em Cristo, recebem o batismo e se juntam como membros de uma igreja organizada; é composta por múltiplas congregações e denominações cristãs, cada uma com sua própria liderança, endereço, CNPJ, horário de reuniões e rol de membros. Seria um erro pensar que o Senhor rogou que houvesse somente uma denominação cristã, com apenas um endereço e horário de culto. A Igreja Católica, por exemplo, entende que a unidade cristã só se concretizará quando as igrejas protestantes se submeterem a ela, como única igreja verdadeira. Não compreendem que essa unidade é espiritual, não institucional.

Outro ponto importante é que a unidade cristã não deve ser obtida com o prejuízo da verdade cristã. É a mensagem do evangelho que fornece o centro referencial em torno do qual os convertidos se agrupam e experimentam aquela santificação e proteção pelas quais seu Senhor intercedeu ao Pai. Essa verdade foi anunciada – de início oralmente e, depois, registrada nas Escrituras Sagradas – para que crêssemos que Jesus é o Filho de Deus, e assim obtivéssemos vida eterna (Jo 20.31). Sem a Palavra de Cristo como critério para a unidade, qualquer união é possível, mas não será uma unidade promovida pelo Espírito da Verdade. A união a alguém ou a algum grupo que rejeita a autoridade das Escrituras Sagradas não é

obter a unidade pela qual Jesus orou, mas abandonar a santificação pela qual ele rogou ao Pai.

CONCLUSÃO

Na oração sacerdotal, Jesus pede para ser glorificado. Mas não é um pedido egoísta, pois sua glorificação na cruz como Mediador é a concretização do plano que conquistará redenção para o seu povo. Glória ao Pai e ao Filho por isso!

APLICAÇÃO

Refleta sobre as suas próprias orações. A respeito do quê você costuma orar? Como são seus pedidos? O foco de suas orações tem sido a glória de Deus?

Medite na eleição, expiação, proteção, preservação, santificação, crescimento e unidade que você tem experimentado como parte do povo de Deus. Que tal dedicar cada dia da semana que inicia à adoração por uma dessas sete maravilhosas bênçãos?

João 12.1-36; 13.21-38; 18.1-40; 19.1-42

Para ler e meditar durante a semana

D – Sl 22.1-31 – O clamor do Messias; **S** – Mt 10.28-33 – Você me negará?;
T – Is 53.1-12 – Ele foi traspassado; **Q** – Êx 12.1-14 – A Páscoa; **Q** – Fp 2.5-8 – Ele se esvaziou;
S – Hb 10.1-10 – O sacrifício definitivo; **S** – Rm 8.31-39 – Quem nos separará?

INTRODUÇÃO

As narrativas da vida, ensino e obra de Cristo encaminham para a sua morte. O Evangelho de João, por exemplo, dedica 8 de seus 21 capítulos a uma única semana, que antecedeu a morte de Jesus (caps. 12 a 19). Nesta lição estudaremos os eventos que antecederam a cruz.

I. PREPARAÇÃO PARA A MORTE (12.1-36)**A. Em Betânia (v. 1-11)**

Faltam apenas seis dias para a Páscoa. Jesus seria sacrificado como o cordeiro pascal. Mais que marcar o tempo, João pretende aguçar a expectativa de seus leitores pela crucificação, e a narrativa inteira da ceia em Betânia (v. 1-11) serve a esse fim.

Aparentemente, Betânia se tornara um centro de “turismo religioso” por causa de Lázaro, o “ex-morto”. Enquanto muitos judeus creram em Cristo por isso, os chefes dos sacerdotes resolveram que Lázaro deveria morrer novamente (Jo 12.9-11).

Ao visitar Betânia, Jesus é convidado para uma refeição pelo leproso Simão (Mc 14.3). A menção de Lázaro à mesa (Jo 12.2) sugere que talvez um dos motivos para o evento tenha sido sua ressur-

reição, e a gratidão de Maria explica sua atitude de ungir Jesus e secar seus pés com os próprios cabelos (v. 3).

O perfume de nardo usado ali era originário de uma região distante e muito caro. Segundo a avaliação de Judas Iscariotes, aquela porção de bálsamo (cerca de duas xícaras de chá) valeria quase um ano de salário de um lavrador (cf. Mt 20.2). Ainda que fosse considerado indecoroso para uma mulher ficar de cabelos soltos na presença de homens, o gesto de Maria de usar os cabelos para secar os pés de Jesus denota seu carinho e devoção. Contrasta a isso a contabilidade de Judas: seria melhor dar o dinheiro aos pobres (Jo 12.4-5). Na verdade, as motivações de Judas eram torpes, pois ele, como tesoureiro do grupo, embolsava uma parte das ofertas (Jo 12.6). De qualquer forma, Jesus rejeita o argumento e a proposta do seu tesoureiro, apontando a primazia do momento: eles terão outras oportunidades de beneficiar os pobres, todavia dentro em pouco já não teriam a presença do Mestre (Jo 12.7-8).

O clímax da história está na alusão direta de Cristo à sua morte iminente. Segundo ele, sua unção por Maria foi, sem ela saber, uma apropriada antecipação de seu embalsamamento (Jo 12.7), um sinal de que está próxima a cruz.

B. Em Jerusalém (v. 12-19)

Montado no jumentinho que seus discípulos lhe conseguiram segundo as suas instruções (Jo 12.14; Mc 11.1-5), “numerosa multidão” dos peregrinos – agitados pela ressurreição de Lázaro dias antes (Jo 12.17-18) – se aglomera no caminho para saudar Jesus com ramos de palmeiras, saudações e aclamações messiânicas de “rei de Israel” e “salva-nos!” (*hosana*).

Novamente, as reações são contrastadas. De um lado, os líderes do judaísmo murmuram por inveja de Jesus e receio de que os romanos se incomodem com a agitação em torno do novo rabi; no extremo oposto, estrangeiros procuram Filipe, desejando conhecer o Mestre (12.19-21).

Jesus vê a aproximação da morte como a chegada da sua glorificação, pois na sua morte muitos ganharão vida, assim como um grão de trigo precisa “morrer” para germinar e produzir (v. 23-24). Coerente com aquilo que ensinara aos seus, ele bem sabia que o reino de Deus requer autonegação e estava prestes a entregar sua própria vida para cumprir a missão do Pai (Jo 12.25-27; Mc 8.35). Aqueles que o seguirem em seu sofrimento, partilharão de sua glória também (v. 26). Entretanto, a morte sempre é uma inimiga, e o Filho de Deus sofre profundamente em sua alma. Seu clamor é rapidamente respondido por meio de um som vindo do céu, confirmando publicamente a mesma aprovação que já fora manifestada no início de seu ministério (Jo 12.27-30; Mt 3.17; 17.5). Jesus enxerga a derrota de Satanás como um fato consumado (v. 31).

Apesar disso, a multidão não estava preparada para receber e seguir um Messias crucificado, e seu questionamento sobre “levantar” e “Filho do Homem” expressou sua incredulidade (Jo 12.34,37). A explicação para isso é dada por Jesus (Jo 12.35-41) nos termos de luz e trevas (comparar com Jo 1.5; 3.19) e da profecia de Isaías (Is 53.1; 6.10). Mesmo aqueles que acreditaram na pregação de Jesus, mas não ousaram confessar publicamente sua fé, são reprovados (Mt 10.32).

O narrador, então, faz um resumo da pregação e rejeição de Jesus pelas massas judaicas, por uma razão muito simples: Jesus é a imagem do Deus invisível, o único caminho até Deus e um só com o Pai. Isso significa que quem não o recebe está também recusando seu Pai (v. 44-50).

II. AS TRAIÇÕES (13.21-38)

Dias depois de sua entrada em Jerusalém, ocorreu aquele último encontro com os discípulos num cenáculo em que Jesus lavou os pés deles e então cearam. Judas Iscariotes era um dos que estavam à mesa com ele, mas seu coração já estava distante, tomado da cobiça e de propósitos do diabo (Jo 13.1-3). Em retrospecto, João percebe que Jesus já sabia da traição e até fizera algumas alusões, que podiam servir a Judas como últimas exortações ao arrependimento (v. 10-11,18,21).

Angustiado pela aproximação de sua hora tenebrosa e pela traição por um de seus discípulos, Jesus declara abertamente que havia um traidor entre eles. A refeição típica da Páscoa era o pão acompanhado de um caldo feito de vinho e frutas amassadas, e quando o discípulo “a quem Jesus amava” (o próprio João, cf. 19.26; 20.2; 21.7,20-24) se torna o porta-voz

da curiosidade dos demais sobre sua identidade, Jesus a revela dando a Judas um pedaço de seu pão molhado. O gesto gentil, juntamente com as alusões indiretas de Jesus à traição, tiveram apenas o efeito de endurecer ainda mais o coração de Judas (v. 25-27). A ordem de Jesus para que fosse adiante foi o reconhecimento de que ele estava além do ponto de arrependimento (Rm 1.24).

A saída do traidor (Jo 13.30) confirma a precipitação dos acontecimentos, então Jesus afirma sua expectativa de ser glorificado em sua morte e ressurreição iminentes (v. 31-32). Ele alerta seus discípulos por meio de um enigma, assim como fizera com os líderes judeus (Jo 7.33-34) – talvez porque tudo o que precisavam saber naquele momento é que deviam se amar profundamente (Jo 13.34-35).

Sem compreender o enigma, Pedro declara sua fidelidade total a Jesus (v. 36-38), de modo talvez sincero, mas com imatura autoconfiança (como também os demais, Mt 26.35). O Senhor prediz então que, naquela mesma madrugada (pois o galo canta ao romper da manhã, Mt 26.34), Pedro o negaria.

Mais tarde, acompanhando à distância os acontecimentos, Pedro fica sozinho no pátio do sumo sacerdote e ali é reconhecido por alguns serviçais do templo. Por três vezes ele nega que sequer conhecesse Jesus (Jo 18.15-18,25-27). Sua traição, entretanto, foi diferente da traição de Judas: 1) A queda de Pedro foi inesperada e involuntária, mas a de Judas foi planejada (Mc 14.11); 2) Pedro caiu por sua fraqueza, Judas por sua maldade e cobiça (Mt 26.15); 3) Judas se encheu de remorso e se matou, Pedro chorou amargamente e se arrependeu (Mt 26.75; 27.3-5).

Na verdade, como Jesus bem sabia, na sua prisão todos os seus discípulos seriam dispersos, deixando-o sozinho. Seu Pai, porém, não o abandonou naquela hora de horror (Jo 16.32).

III. O PROCESSO INJUSTO (18.1 – 19.16)

Em nenhum momento João retrata Jesus como um mártir indefeso. Mesmo quando parece acuado por um pelotão armado, ele está no controle.

Por exemplo, ao contrário de inúmeras vezes em que se escondeu (Jo 7.1; 8.59; 12.36), dessa vez ele deseja ser encontrado por seus inimigos e se dirige a um lugar aberto e conhecido do traidor (Jo 18.1-2). Quando Judas chega (v. 3), ele se apresenta para ser preso de maneira a poupar os discípulos, e até inibe a reação violenta de Pedro, reconhecendo que sua prisão era parte do propósito de seu Pai para ele (v. 8-11). Mais impressionante ainda é que ao se identificar dizendo “Eu sou!”, uma expressão que remete a Deus se revelando a Moisés, os soldados desabam (Jo 18.6; Êx 3.14; Jo 8.58).

Os guardas amarram o prisioneiro e o levam para ser interrogado, primeiramente pelo sumo sacerdote anterior, Anás, e depois pelo sumo sacerdote em exercício, Caifás (Jo 18.12-13,19-24). Jesus questiona a farsa que ocorria, já que seu ministério se dera publicamente, mas eles nunca haviam denunciado qualquer erro seu (Jo 18.20-21). O sinédrio, reunido clandestinamente – era ilegal julgá-lo à noite –, forja a acusação contra Jesus (Jo 18.24; Mt 26.57-61). De manhã ele é arrastado ao pretório, onde ficava o governador romano Pôncio Pilatos, que governou a Judeia de 26 a 37 d.C.

Com ironia, João explica que os líderes religiosos judeus não entram na casa de gentio para não ficarem impedidos de participar da Páscoa – enquanto condenam um justo à morte (Jo 18.28). A mesma hipocrisia ocorre quando pedem que se quebrem as pernas dos condenados, para não continuarem na cruz no sábado (Jo 19.31).

Pilatos percebeu a farsa do processo e entendeu que o sinédrio já tinha seu veredito pronto (Jo 18.31). As respostas de Jesus demonstram sua convicção de sua justiça e chamado (Jo 18.36-37; 19.11) e Pilatos conclui por sua inocência (Jo 18.38). Temendo as declarações de Jesus de que era o Filho de Deus e as de sua esposa que sonhara com o galileu, o governados buscava livrar Jesus por diversos modos: a) usando o costume de anistiar um prisioneiro na Páscoa (Jo 18.39-40; Mc 15.6); b) satisfazendo a multidão com espancamento e humilhação (Jo 19.1-3,5); c) responsabilizando a liderança judaica pelo julgamento (Jo 18.31; 19.4,6). Entretanto, não teve autoridade moral para enfrentar o sinédrio e os seus superiores (Jo 19.12,15).

IV. O ASSASSINATO DE JESUS (19.17-42)

João indica a realidade espiritual daquela morte injusta: era “parasceve”, isto é, o dia em que se preparava o cordeiro a ser servido na Páscoa (Jo 19.14; cf. Mc 15.42). O próprio réu, como era costume, carregava sua cruz, na verdade, o travessão que se encaixava em uma das estacas fixadas no alto Gólgota (Jo 19.17). Era comum que, no alto da cruz fosse colocada uma tabuleta constando o crime cometido pelo apenado. Pilatos, pro-

vocando os líderes judeus, vinga-se da pressão manipulativa que sofrera escrevendo “Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus” (Jo 19.19-22). Para João, mais um sinal da realidade espiritual por detrás dos acontecimentos.

Assim como os demais evangelistas, João enxerga o cumprimento de várias passagens do Antigo Testamento nos detalhes da crucificação de Jesus. Por exemplo, Cristo é crucificado entre dois outros condenados (eram ladrões, Mc 15.27) e posteriormente é sepultado no túmulo novo do rico José de Arimateia (Jo 19.18,38-39; Mt 27.60), cumprindo Isaías 53.9. Os soldados desrespeitosamente repartem entre si as roupas do Mestre, mas uma túnica sem costura resolvem sortear (Jo 19.23-24, como o Sl 22.18). Jesus tem sede e os soldados lhe dão um pouco de seu vinho azedo para beber (como Sl 69.21 e 22.15); ele morre antes do procedimento usual de quebrar as pernas para apressar a morte dos crucificados, mas alguém confirma sua morte perfurando seu dorso (Jo 19.31-37, Sl 34.20; Zc 12.10). Em cada um desses atos, João enxerga a soberania de Deus conduzindo seu Filho à morte em favor dos pecadores.

Um pouco antes de morrer, mesmo em meio a terrível sofrimento, Jesus provê um lar para sua mãe, que está ao pé da cruz, acompanhada pelo “discípulo amado” (Jo 19.25-27). Foi uma derradeira demonstração de abnegação e zelo pela Lei de Deus (Mc 7.10-13). Por fim, dá um brado de vitória, considerando cumprida a missão que recebera de seu Pai, e se rende, vitorioso (Jo 19.30).

O corpo de Jesus é, então, retirado da cruz por dois de seus discípulos, José

de Arimateia e Nicodemos, e levado a um túmulo virgem próximo dali, envolto em lençóis banhados de essências, preparando-o para o embalsamamento posterior (Jo 19.38-42). O sábado passa, cheio de satisfação e religiosidade hipócrita para os sacerdotes e fariseus. Também passa para os discípulos, cheio de tristeza e frustração. Tudo acabaria assim?

CONCLUSÃO

A morte de Jesus foi o evento mais tenebroso da História da humanidade. O doador da vida foi morto. O único homem justo foi condenado. O Salvador foi traído, abandonado, humilhado, torturado e assassinado.

Agora, seus discípulos estão confusos, tristes e frustrados. Entretanto, nada ocorreu por acaso: Jesus estava totalmente preparado e esperava por aquele momento – aliás, fez o possível para prepará-los também. Seu Pai estava no controle de cada detalhe, cumprindo seu propósito eterno de salvar pecadores por sua graça.

APLICAÇÃO

Faça uma lista de seus maiores temores e inseguranças espirituais.

Agora, pense em cada um deles sob o seguinte prisma: “Se Deus entregou seu Filho à cruz por mim, o que poderia me separar de seu amor ou o que poderia me derrotar?”

IV O ASSASSINATO DE JESUS (Jo 17-42)

João indica a realidade espiritual da morte física: era necessário que se preparasse o corpo e o dia em que se preparava o corpo a ser sepultado no Pórculo (Jo 19.14-16). O sepulcro era como era costume carregava sua cruz, na verdade o travessão que se colocava em uma das extremidades nos dois lados (Jo 19.17). Era comum que, no ato de carregar fosse colocada uma taboeta com o nome e o endereço pelo sepulcro. Filhos de

13

A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

João 20.1-21.25

Para ler e meditar durante a semana

D – Mt 22.23-33 – O Deus dos vivos; **S** – At 2.25-36 – Ressurreto e exaltado;
T – At 17.24-34 – Escárnio e fé; **Q** – Rm 1.1-6 – Designado Filho de Deus;
Q – Rm 6.4-14 – Como ressuscitados; **S** – 1Co 15.1-11 – A multidão de testemunhas;
S – 1Co 15.12-26 – Nossa fé não é vã

INTRODUÇÃO

Ao longo da História, muitos líderes religiosos vieram e se foram. Apenas um não terminou assim. Jesus de Nazaré morreu, sim – mas ressuscitou e vive para sempre. Seus seguidores registraram as evidências disso e trataram de espalhar a notícia.

I. JESUS ENCONTRA MARIA (20.1-18)

Os evangelistas destacam que Jesus ressuscitou no “primeiro dia da semana” (Jo 20.1; Mt 28.1; Mc 16.2; Lc 24.1). É possível que quisessem mostrar que aquele que cumpriu toda a lei durante a vida ressurgiu dos mortos sem violar o sábado; mas é mais certo que intentassem registrar a ressurreição como fundamento para a consagração do domingo ao Senhor, observado na igreja apostólica (Jo 20.19,26; At 20.7; 1Co 16.2).

No entanto, os detalhes dos eventos seguintes à ressurreição variam. A descoberta de que Jesus havia ressuscitado é contada em cada Evangelho de maneira particular. Lucas, por exemplo, dá a impressão inicial de que Jesus se encontrou com os discípulos, os levou de Jerusalém à vila vizinha, Betânia, e ascendeu ao céu – tudo no domingo da ressurreição (Lc 24.1,13,36,44,50-51). Entretanto, sabemos pelo próprio Lucas que Jesus apareceu diversas vezes no decurso de 40 dias,

antes da ascensão (At 1.3). Segundo o apóstolo Paulo, Jesus fez várias aparições, inclusive para pessoas de fora do círculo apostólico, que não estão narradas em lugar algum (1Co 15.5-7).

João, mesmo sabendo que havia outras mulheres no sepulcro (note o plural em Jo 20.2), se concentra apenas em Maria Madalena como personagem principal, tomada quase como um tipo de todos os discípulos. É ela quem chega de madrugada, vê o túmulo aberto, vai buscar os discípulos, conversa com os anjos e tem o primeiro encontro com o Ressurreto (v.1-2,12,15).

Avisados por ela, João e Pedro também têm um papel importante como testemunhas do sepulcro vazio. Eles entram e veem os lençóis de linho que envolviam o corpo e cabeça de Jesus e – de alguma maneira ainda confusa – compreendem e creem nas inúmeras vezes em que o Mestre falara da sua morte e ressurreição. Eles retornam para casa sem conversar sobre a súbita esperança que surge em seus corações (Jo 20.5-9), deixando Maria ali, chorando em desespero.

Estava reservada a ela, porém, outra espécie de experiência menos racional para reacender sua fé. Maria olha novamente dentro do túmulo, e há dois homens

sentados no local onde haviam deitado o corpo de Jesus. Sem perceber que são anjos, ela lhes explicava a razão de seu choro quando, de repente, se volta para um novo personagem, que ela também não reconhece, perguntando pelo corpo do Mestre (Jo 20.11-15). Não sabemos por que Maria não reconhece de imediato seu querido Mestre. Um jardim pode ser cheio de sombras, especialmente se o sol não raiou ainda; lágrimas abundantes podem embaçar bastante a visão; ou, quem sabe, o Senhor ressuscitado simplesmente não tinha permitido que ela o reconhecesse.

Entretanto, ao ouvi-lo chamando seu nome, Maria finalmente reconhece seu amado Mestre (Jo 20.16). É provável que ela tenha reagido abraçando-o, pois ele ordena que não o segure. Seu destino agora é subir para o Pai (v. 17). O significado dessa enigmática frase talvez seja que, dali em diante, seu relacionamento com seus discípulos já não seria por meio de sua presença física, mas pelo Consolador que enviaria da parte do Pai para habitar neles (Jo 20.17; 16.7). Agora, Maria também pode abandonar o túmulo vazio, indo pra casa com o coração cheio de boas-novas.

II. JESUS ENCONTRA OS DISCÍPULOS (20.19-31)

Aquele domingo fora inesquecível desde suas primeiras horas; mas apesar das notícias de Pedro e João, de Maria e suas companheiras e dos dois que retornaram do caminho de Emaús (Lc 24.33-35), ainda restam dúvidas e temores. Com medo dos líderes judaicos que levaram seu Mestre à morte, os discípulos se tranca-ram numa casa.

Jesus, então, vem e fica em pé no meio deles (Jo 20.19). O imediatismo da

ação e o detalhe da porta fechada sugerem uma aparição sobrenatural, como uma teofania do Antigo Testamento na qual Deus se revela ao seu servo para comissioná-lo (Jr 1.7-10). Em contrapartida, a cena seguinte é extremamente humana: Jesus mostra-lhes seus ferimentos da crucificação, para comprovar que não era uma visão ou espírito (Jo 20.20; Lc 24.39).

Depois de saudá-los com a paz pela segunda vez, Jesus comissiona os discípulos a dar continuidade à sua obra na terra em seu nome (Jo 20.21-23). Ele ordena que recebam o Espírito Santo e declara sua autoridade. A autorização para perdoar e reter pecados não implica autonomia ou, menos ainda, que Deus esteja cativo das decisões da igreja. Os discípulos somente podem discernir os pecados se estiverem dirigidos pelo Espírito, cuja promessa de envio é simbolizada pelo “sopro” de Jesus (Lc 24.49).

Entretanto, um dos 11 não estava ali para ouvir, ver e tocar no Cristo ressurreto, e não consegue crer no relato de seus colegas (Jo 20.25). Antes de julgarmos Tomé muito duramente por isto, lembremos que ninguém creu no relato inicial das mulheres (Lc 24.9-11). O oitavo dia é o domingo seguinte à ressurreição, e a cena se repete com precisão. Porém, demonstrando mais uma vez seu conhecimento prévio do coração dos homens (Jo 2.25; Mt 9.4; Mc 2.8), Jesus se dirige diretamente a Tomé, censurando sua incredulidade com suas próprias palavras, ditas aos seus colegas (Jo 20.27). A reação e resposta de Tomé podem ser fruto de ver Jesus face a face e reconhecê-lo, fruto da maneira intrigante como o Senhor apareceu no recinto fechado ou fruto de conferir pessoalmente as marcas

da crucificação. De todo modo, Tomé confessa o Cristo ressurreto como seu *Senhor* e seu *Deus*, mas Jesus ainda o repreende – afinal, o verdadeiro discípulo de Jesus crê com uma fé que independe da vista (Jo 20.28-29; Hb 11.1; 1Pd 1.8).

Aliás, assim são os leitores dos relatos que João escolheu escrever: eles jamais viram Jesus, mas tendo ouvido as boas-novas de sua vida, morte e ressurreição, creem e têm vida em seu nome (Jo 20.30-31).

III. JESUS ENCONTRA PEDRO (21.1-25)

João parecia já ter concluído sua narrativa em um clímax, no final do capítulo 20, mas não é difícil imaginar sua motivação para incluir este relato. Tendo escrito após os demais evangelhos já terem ampla circulação, ele procurou suprir lacunas que estava percebendo na compreensão dos convertidos acerca das origens de sua fé. É muito provável que o episódio da tripla negação de Pedro tenha ficado bastante conhecido nas igrejas, e talvez tenha causado questionamentos quanto ao caráter do líder do conselho apostólico – especialmente considerando que cristãos comuns já eram perseguidos, muitos não negando a Cristo mesmo diante da morte. Como era possível que um dos apóstolos tivesse negado Jesus? (Mt 10.33; 2Tm 2.12; 1Jo 2.23)

João registra a negação (Jo 18.15-27) e relata como o próprio Senhor restaurara Pedro ao ministério apostólico. Tudo começa com Pedro resolvendo ir pescar à noite com outros discípulos (Jo 21.1-3). Estaria Pedro cogitando abandonar o ministério? Eles não conseguem pescar nada, a noite infrutífera se tornando uma ilustração de seu total fracasso

como o pescador de homens que Jesus o chamara a ser (Lc 5.10). Quando retornam no final da madrugada, há alguém na praia, que eles não reconhecem, talvez pela distância, pelo lusco-fusco de antes do sol nascer, ou por Jesus impedir que o reconhecessem (Lc 24.16; Mc 16.12). Jesus não se identifica imediatamente, mas pede algo para comer. Diante da vergonhosa negativa, ele lhes ordena que joguem suas redes à direita do barco. A frustração de experientes pescadores é substituída pela alegria diante de redes abarrotadas (Jo 21.4-6).

Observe as semelhanças dessa narrativa com o milagre operado por Jesus anos antes (Jo 21.3-11; Lc 5.4-8). João, presente em ambas as situações, reconheceu nas atitudes do Cristo ressurreto uma renovação do chamado apostólico de Pedro. Na primeira vez, Jesus chamara Pedro para ser pescador de homens. Agora, Cristo o chama para ser pastor das suas ovelhas.

Com o “barquinho” carregado de peixes, os pescadores lentamente cruzam os cerca de cem metros que os separam da praia. Pedro volta nadando, provavelmente ansioso por mais um encontro com seu querido Mestre, que recebe a todos com uma singela refeição à beira-mar: pães e peixes assados, como em outras ocasiões em que Cristo lhes demonstrara seu poder (21.7-13; 6.9-13).

A cena a seguir é a mais importante da narrativa, pois Jesus pergunta a Simão Pedro por três vezes se ele o amava. Alguns observam que o texto grego registra dois verbos “amar” (*agapáo* e *philéo*) nas perguntas de Jesus, mas João não faz distinção entre esses mesmos verbos em outras passagens. Por exemplo, ele utiliza ambas para falar do amor que o Pai tem

pelo Filho (*agapáo* em 3.35 e *philéo* em 5.20) e do “discípulo que Jesus amava” (*agapáo* em 19.26 e *philéo* em 20.2). Além disso, toda a sequência de perguntas e respostas é estruturada com um paralelismo de sentido empregando diferentes sinônimos sem grandes mudanças de significado: *sabes/conheces*, *apascenta/pastoreia*, *cordeiros/ovelhas*.

A ênfase maior deve ser dada, não ao jogo de palavras e suas nuances (ainda que elas existam), mas à própria repetição tripla, que obviamente remete à tríplice negação de Pedro dias antes, no pátio do sumo sacerdote (Jo 18.17,25,27). Jesus concede a Pedro a oportunidade de confessar três vezes seu Salvador.

Note que, na primeira pergunta, Jesus faz uma comparação com o amor dos demais discípulos, mas Pedro a recusa (v. 15-16). Contraste isso com a autoconfiança que demonstrava antes (Mt 26.31-35; Jo 13.36-38). Seu insistente apelo ao conhecimento que Cristo tem de seu coração é um reconhecimento envergonhado de que sua declaração de amor é desmentida por suas ações prévias, que Jesus conhecia muito bem (Lc 22.61).

Entretanto, Pedro seria de pouca utilidade apenas quebrado e moído. Para viver e morrer para a glória do nome de Cristo, ele precisava de uma nova ousadia, não baseada em sua autoconfiança, mas na graça capacitadora que o chamara anteriormente. Pedro nunca mais seria o mesmo impulsivo de antes. Ganhara uma experiência de humildade e dependência que nunca mais esqueceria, e que transmitiria à nova geração de pastores do rebanho do Supremo Pastor (1Pe 5.2-4).

Tendo restaurado publicamente a vocação apostólica de Pedro, Jesus profe-

tiza a respeito do final de sua carreira cristã (Jo 21.18-19). A ordem para seguir Jesus é concreta e simbólica, pois Pedro de fato seguiria o caminho do discipulado de Cristo, inclusive entregando sua vida pelo evangelho, como o Mestre. As mais antigas tradições cristãs afirmam que Pedro foi crucificado durante a primeira perseguição promovida pelo Império Romano, sob Nero. Como Jesus, ele *abriria bem os braços* para serem *atados* à trave de sua cruz, que ele teria de carregar pelas ruas, conforme era *conduzido* até o local de crucificação.

Na época em que João escreve, o martírio de Pedro já ocorreu, mas agora seu leitor compreende que esse fim doloroso não foi resultado da mão de Deus pesando sobre um velho apóstolo traidor, mas efeito da graça de Deus sobre o apóstolo restaurado – cuja morte serviu ao mais exaltado fim: glorificou o nome de Deus (v. 19).

A última cena deste evangelho lhe confere um final, digamos, biográfico. Conforme Jesus e Pedro se distanciam do grupo, “o discípulo amado” também se levanta e os segue; Pedro, então, pergunta a respeito de João, talvez querendo saber se Cristo também tinha uma profecia para o colega de ministério (Jo 21.20-21). Como de costume, Jesus não permite ser consultado como vidente (At 1.7); pelo contrário, ele repreende a curiosidade de Pedro. Porém, como suas palavras foram mal interpretadas na época, gerando uma expectativa nos crentes de que aquele discípulo (o próprio evangelista, v. 24) não morreria até que Jesus voltasse, João aproveita o ensejo para esclarecer o real sentido do que Jesus dissera (v. 23).

CONCLUSÃO

A ressurreição de Jesus é o fundamento da fé cristã quanto à identidade de Jesus, sua obra expiatória na cruz, sua vitória sobre a morte e o pecado e nossa esperança de ressurreição no último dia. Glória a Deus pela ressurreição de nosso Senhor!

APLICAÇÃO

O que é a ressurreição de Cristo para você? Uma história fantástica? Uma verdade viva e vivificante?

Ore ao Senhor, agradecendo-lhe pela certeza da ressurreição. Ou ore, clamando para que ele coloque em sua vida o poder de ressurreição que há no nome dele.

A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

A natureza da ressurreição

A ressurreição de Cristo não consiste no mero fato de ter ele voltado à vida e de se terem reunido nele o corpo e a alma. Se fosse só isso, ele não poderia ser chamado “as primícias dos que dormem” (1Co 15.20), nem “o primogênito de entre os mortos” (Cl 1.18; Ap 1.5). Consiste, então, em que nele a natureza humana, tanto o corpo como a alma, foi restaurada à sua pureza, força e perfeição originais, e elevada até um nível superior, enquanto o corpo e a alma se uniram novamente para formar um organismo vivo. Depois da ressurreição, era perfeitamente evidente que seu corpo tinha passado por uma notável mudança. Era o mesmo e, todavia, tão diferente que não era facilmente reconhecido. Era um corpo material e genuíno, mas um corpo que podia repentinamente aparecer e desaparecer de maneira surpreendente, um corpo transformado num órgão perfeito do espírito e, portanto, “espiritual” (Lc 24.31,36,39; Jo 20.19; 21.7; 1Co 15.50). Evidentemente houve uma mudança na vida da alma de Cristo, o que não significa que ele se transformou religiosa e eticamente, e sim que sua alma foi dotada de novas qualidades, perfeitamente ajustadas ao seu futuro ambiente celestial. Pela ressurreição, ele se tornou espírito vivificante (1Co 15.45).

O significado da ressurreição

A ressurreição de Cristo tem um tríplice significado: (a) constitui uma declaração do Pai de que Cristo satisfaz todas as exigências da lei como obrigação pactual; (b) simboliza o que acontecerá aos crentes na sua justificação, no seu nascimento espiritual e na sua ressurreição futura (Rm 6.4-5,9; 8.11; 1Co 6.14; 15.20-22; 2Co 4.10-11,14; Cl 2.12; 1Ts 4.14); e (c) é a causa de nossa justificação, regeneração e ressurreição final (Rm 4.25; 5.10; Ef 1.20; Fp 3.10; 1Pe 1.3).

A negação da ressurreição

A ressurreição de Jesus Cristo é um milagre que desafia toda explicação natural. Por essa mesma razão, muitos atualmente negam a ressurreição de Cristo, declarando ser uma impossibilidade física, visto que as partículas materiais no curso do tempo entram na composição de muitos corpos, e jamais poderão ser restauradas a todos os corpos de que uma vez fizeram parte. Porém, os que negam a ressurreição devem, naturalmente, explicar o fato inegável de que a crença na ressurreição de Cristo era generalizada no primeiro século cristão. Várias teorias têm sido sugeridas para a explicação, tais como: (a) que os apóstolos e outras testemunhas primitivas enganaram o povo crédulo com uma falsidade; (b) que Jesus de fato não morreu, mas meramente desmaiou, e os apóstolos pensaram que ele havia realmente morrido; (c) que os apóstolos e as mulheres em seu estado de instabilidade emocional tiveram visões de Jesus e as confundiram com aparecimentos reais; e (d) que a história da ressurreição foi na realidade importada de outras religiões orientais e derivada de mitos pagãos. Porém, essas explicações não condizem com os fatos que são narrados na Escritura.

Manual de Doutrina Cristã, de Louis Berkhof, Editora Cultura Cristã.